

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA – PPGT PUCPR**

**LEANDRO PLETSCH RODRIGUES**

**AS EXPRESSÕES “OS JUDEUS” E “O MUNDO”**  
**NO EVANGELHO DE JOÃO**

**CURITIBA**

**2018**

**AS EXPRESSÕES “OS JUDEUS” E “O MUNDO”  
NO EVANGELHO DE JOÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito para obtenção do título de Mestre em Teologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Luiz José Dietrich.

**CURITIBA**

**2018**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Giovanna Carolina Massaneiro dos Santos – CRB 9/1911

R696e  
2018

Rodrigues, Leandro Pletsch  
As expressões "os judeus" e "o mundo" no evangelho de João / Leandro Pletsch Rodrigues; orientador: Luiz José Dietrich. – 2018.  
100 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018

Bibliografia: f. 95-100

1. Teologia. 2. Judeus. 3. Liberdade religiosa. 4. Violência.  
I. Dietrich, Luiz José. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título

CDD 22. ed. – 230



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
Escola de Educação e Humanidades  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Mestrado e Doutorado

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 157  
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE  
LEANDRO PLETSCH RODRIGUES

Aos vinte e dois, do mês de março de dois mil e dezoito, às quatorze horas reuniu-se na sala defesa - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Luiz José Dietrich, Vicente Artuso e Alfredo dos Santos Oliva, para examinar a dissertação do candidato Leandro Pletsch Rodrigues, ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e dezesseis. Linha de pesquisa: Bíblia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: "AS EXPRESSÕES "OS JUDEUS" E "O MUNDO" NO EVANGELHO DE JOÃO." O Candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, o candidato foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 15:00 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Luiz José Dietrich

Presidente/Orientador

Prof. Dr. Vicente Artuso

Convidado Interno

Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva

Convidado Externo

CIENTE

Prof. Dr. Alex Vicentim Villas Boas  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - *Stricto Sensu*  
PPGT - PUCPR



Dedico este trabalho a minha família, por todo apoio, carinho e paciência durante esta jornada. A minha esposa Sabrina e meu filho Caleb, pela ajuda ao perdoarem o meu silêncio e ausência necessários para realizar o sonho deste mestrado em Teologia.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por realizar muitos milagres financeiros e organizacionais e me dar perseverança e motivação, principalmente nos momentos mais difíceis.

A todos os meus familiares que torcem e acreditam no meu potencial e desenvolvimento múltiplo.

A todos os amigos na fé que me apoiaram e oraram por meu ministério e crescimento acadêmico.

Ao meu orientador e amigo, Luiz José Dietrich, pela paciência e dedicação em me atender em todas as necessidades acadêmicas bem como por toda influência positiva na construção de minha carreira teológica.

A todos os colegas, professores e alunos, da Pontifícia Universidade Católica de Curitiba, que me acolheram tão bem e com os quais aprendi muito.

“Felizes, porém, são aqueles, que abraçam o evangelho e firmemente permanecem nele! Porque ele – o evangelho, fora de qualquer dúvida, é a verdade e vida.”

(JOÃO CALVINO, 1998, p. 35-36)

## RESUMO

O evangelho Joanino é diferenciado dos sinóticos por diversas razões. Nele aparecem por vezes as expressões “os judeus” e “o mundo”, que não ocorrem tanto nos demais. Tais expressões precisam ser bem compreendidas para não estabelecermos práticas preconceituosas ou alienações. Há uma série de aplicações para o significado das mesmas e dentro destes significados se encontram grupos que foram à favor e contra Jesus em sua época e também à favor e contra a comunidade Joanina consolidada perto do século II. Contudo, não podemos esquecer que historicamente Jesus e seus seguidores eram Judeus. E que a mensagem que pregavam visava transformar o mundo. Estes frequentavam as sinagogas, o templo e pertenciam ao judaísmo (At 2,46; 3,1). Os efeitos de uma interpretação errônea sobre estas expressões no comportamento religioso da atualidade levando a intolerâncias e violências também devem ser analisados.

**Palavras-Chave:** Judeus; Mundo; Religiosos; Intolerâncias; Violências.

## ABSTRACT

The Johannine gospel is distinguished from the synoptic for several reasons. In it the words "the Jews" and "the world" sometimes appear, which do not occur so much in the others. Such expressions need to be well understood so that we do not establish biased practices or alienations. There are a number of applications for the meaning of these and within these meanings are groups that have been for and against Jesus in his time and also for and against the consolidated Johannine community near the second century. However, we must not forget that historically Jesus and his followers were Jews. And that the message they preached was meant to transform the world. These went to the synagogues, the temple, and belonged to Judaism (Acts 2:46, 3,1). The effects of an erroneous interpretation on these expressions in the current religious behavior leading to intolerances and violence must also be analyzed.

**Keywords:** Jews; World; Religious; Intolerances; Violence.

**LISTRA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

A.C.	Antes de Cristo
AT	Antigo Testamento
At	Bíblia: Atos dos Apóstolos
BJ	Bíblia de Jerusalém
Cap.	Capítulo
CNEF	Conselho Nacional de Evangélicos da França
D.C.	Depois de Cristo
Gn	Bíblia: Livro de Gênesis
Dt	Bíblia: Livro do Deuteronômio
ed.	Edição
Êx	Bíblia: Livro do Êxodo
Is	Bíblia: Livro de Isaías
Jo	Bíblia: Evangelho segundo João
Jr	Bíblia: Livro do profeta Jeremias
Jz	Bíblia: Livro dos Juízes
Lc	Bíblia: Evangelho segundo Lucas
Lv	Bíblia: Levítico
LXX	Bíblia Septuaginta
Mc	Bíblia: Evangelho segundo Marcos
Mt	Bíblia: Evangelho segundo Mateus
Nm	Bíblia: Livro de Números
NT	Novo Testamento
p.	Página

Pv.	Bíblia: Livro de Provérbios
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
QE	Quarto Evangelho
SI	Bíblia: Livro dos Salmos
vs.	Verso

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1. CONTEXTO DO EVANGELHO DE JOÃO</b> .....	17
A. ORIGEM .....	17
A.1. A Data .....	18
A.2. O Lugar.....	20
A.3. O Autor.....	21
B. CONTEXTO HISTÓRICO .....	25
C. CONTEXTO CULTURAL .....	28
D. CONTEXTO RELIGIOSO .....	30
E. CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL .....	34
<b>2. ANÁLISE DA EXPRESSÃO “OS JUDEUS”</b> .....	38
A. VARIÁVEIS GRAMÁTICAS .....	39
B. OCORRÊNCIAS .....	39
C. VARIÁVEIS SEMÂNTICAS .....	40
C.1. Nacionalidade.....	40
C.2. Grupo Religioso.....	41
C.3. Grupo Político.....	44
D. “OS JUDEUS” COMO OPOSITORES .....	47
<b>3. ANÁLISE DA EXPRESSÃO “O MUNDO”</b> .....	57
A. VARIÁVEIS GRAMÁTICAS .....	58
B. OCORRÊNCIAS .....	59

C. VARIÁVEIS SEMÂNTICAS .....	59
C.1. Planeta.....	60
C.2. Pessoas no Geral.....	60
C.3. Pessoas que creram em Jesus .....	61
C.4. Pessoas duvidaram de Jesus .....	61
D. “O MUNDO” COMO OPOSITORES .....	62
<b>4. VIOLÊNCIAS COM A ATITUDE DE “OS JUDEUS” E “O MUNDO” .....</b>	<b>69</b>
A. AMEAÇAS À PESSOA DE JESUS .....	69
A.1. Ameaças mediante o Sábado e a Divindade de Jesus (João 5,16-18) .....	69
A.2. Ameaças mediante quem ensinava melhor a Lei de Moisés (João 7,1.19.25) .....	71
A.3. Ameaças mediante a descendência de Abraão (João 8,37. 40. 59) .....	72
A.4. Ameaças mediante a unidade com o Pai (João 10,31-33.39) .....	74
A.5. Ameaças para preservação de posições (João 11, 50.53) .....	75
B. AMEAÇAS A OUTROS.....	76
B.1. Ameaças a mulher adúltera (João 8, 2-11) .....	76
B.2. Ameaças a Lázaro após sua ressurreição (João 12,10) .....	78
C. AMEAÇAS ATUAIS.....	80
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

No evangelho de João os dois principais grupos que combatem Jesus e sua mensagem são denominados "os Judeus" e "o mundo". Então é necessário pensar a quem o livro se refere quando diz "os judeus", pois Jesus era judeu. O mesmo deve ser feito na busca do entendimento da expressão "o mundo".

Ao pesquisarmos e estudarmos o significado destas duas expressões no evangelho de João esperamos compreender melhor quais as intenções espirituais e práticas denunciadas em cada uma delas, uma vez que basicamente são usadas para identificar grupos em oposição a Jesus e ao seu evangelho.

Começaremos pelo contexto histórico em que João escreveu. Identificando sua datação fica mais próxima nossa análise de povos e costumes que permearam sua época e o que ou a quem se referia naquilo que aparece em suas linhas. Em todo o tempo e lugar as pessoas mudam sua forma de viver, coisas que uns consideram importantes outros já não agem dessa forma.

Métodos e costumes se diferenciam e causam estranheza ou são absorvidos pelos que os rodeiam. Leis, mitos e valores interferem na forma de pensar, sentir e agir de uma sociedade. Logo essa pesquisa e entendimento sobre a cultura local da comunidade joanina se faz importantíssima para nossa caminhada no saber mais abrangente.

Também as crenças e pensamentos comuns dentro do pluralismo religioso que abrangia a convivência entre Romanos, Gregos e Judeus devem ser considerados. Certamente esse convívio trazia desconfortos e situações de discórdia, pois até mesmo em uma família ninguém pensa igual, apesar de morarem embaixo do mesmo teto. Então, tal proximidade no ambiente trazia conflitos de muitas formas.

Como veremos ainda dentro do domínio imperial nenhuma pessoa ou religião era livre de sanções. Nada e ninguém poderiam ferir as relações com o governo, pois teriam perseguições. Nesse contexto político-social os comportamentos não eram livres e ainda severamente vigiados. Para manter seu domínio Roma interferia e sondava todas as áreas de seus dominados.

Além disso, consideraremos também o fato de o evangelho de João ser o evangelho em que mais vezes os adversários de Jesus querem matá-lo ou a outra pessoa em nome de sua fé, em nome de sua forma de compreender e cultuar Deus. Essas ameaças de morte são expressas, por exemplo, em João 5,16-18; 7,1.19.25; 8,37.40.59; 10,8.31-33.39; 11,50.53; querem matar a mulher acusada de adultério (8,2-11); e matar também a Lázaro, que Jesus havia ressuscitado (12,10). Nosso caminho será o seguinte na pesquisa:

- Analisar o contexto e o desenvolvimento do evangelho de João.
- Mapear a frequência das expressões “os judeus” e “o mundo” no quarto evangelho.
- Analisar a distribuições destas expressões como possibilidade de estrutura do evangelho de João.
- Pesquisar a relação destas expressões com o a história e o contexto da comunidade joanina e da redação do evangelho de João.
- Compreender as vivências religiosas e as espiritualidades denunciadas como adversas a Jesus e ao Evangelho, bem como compreender com mais clareza o cristianismo e a espiritualidade joanina.
- Encontrar os significados verdadeiros das expressões em análise, já sabendo de antemão que a Bíblia não pode instigar ou pior, inspirar morte, preconceitos e desamor, sendo que sentimentos negativos não passam por sua base.

Para chegarmos a um resultado satisfatório o formato que adotaremos para emoldurar a sequência de achados teóricos serão os seguintes:

No capítulo 1 entenderemos a origem do Quarto Evangelho e seus variados contextos. No capítulo 2 a análise gramatical e semântica da expressão “os judeus”. Também um tópico específico para analisar “os judeus” como opositores. No capítulo 3 a análise gramatical e semântica da expressão “o mundo”. Também um tópico específico para analisar “o mundo” como opositores. No capítulo 4 veremos episódios onde ameaças violentas foram

feitas para Jesus, outras pessoas e hoje no contexto religioso perto e longe de nós.

Por fim concluiremos com os conceitos ou valores que a comunidade joanina nos presenteou, pareceres e reflexões necessárias ao finalizarmos a pesquisa com contribuições para que a nossa vivência espiritual seja mais efetiva e livre de preconceitos ou distanciamentos de outros grupos diferenciados.

## 1. CONTEXTO DO EVANGELHO DE JOÃO

Olhando toda realidade negativa e positiva que fazia parte de sua comunidade, o autor do quarto evangelho escreve pensando não somente em si e nos seus, mas, talvez iluminado pelo céu, consegue sobrepor os muros do seu momento histórico, redigindo palavras úteis para iluminar a vida do leitor em outras circunstâncias.

Pode-se dizer que não foi uma escrita egoísta e exclusivista, mas sim altruísta e disposta a repartir os ensinamentos absorvidos no contato direto e indireto com o Mestre dos Mestres. Ao longo do livro aparecem casos pontuais paralelos a uma realidade universal. Por isso então, veremos a seguir tempo e áreas que influenciaram sua percepção e composição.

### A. ORIGEM

A datação, o lugar e o autor do quarto evangelho são assuntos discutidos, porém imprescindíveis para que entendamos textos específicos, expressões e significados pretendidos dentro do livro. Tudo começa com a comunidade joanina e sua teologia que inaugura o conceito da pré-existência de Jesus Cristo. Salienta Brown (1999, p. 27-29) que o QE lido como a história desta comunidade começa com os Judeus que admitiam ser Jesus o Messias esperado. Posteriormente, falando em décadas, após a ressurreição de Jesus a teologia de tal comunidade se expande para debates não só sobre messianidade, mas também divindade de Jesus.

Wahlde (1979, 233-239) fala de que no QE existem dois estratos básicos que traduzem “*ioudaioi*”. O primeiro abrange as autoridades religiosas e inclui Fariseus, Sumo Sacerdotes e governantes. O segundo traduz “*ioudaioi*” generalizando como Judeus apenas. Diz ele que tais traduções podem evidenciar datações diferenciadas na composição do livro e autores variados.

Brown (1999, p. 36) declara que quando em João há menção dos samaritanos e suas conversões, o QE expressa uma vontade da comunidade em admitir os mesmos em seu meio. Mais adiante gentios diversos foram absorvidos pela comunidade joanina.

Tais culturas e teologias variadas produziram conflitos descritos direta e indiretamente ao longo do tempo de composição do livro. Os mais marcantes se deram contra os que denominaram de “os judeus” e “o mundo”. Vejamos mais detalhes a seguir:

#### A.1. A Data

Para Raymond Brown (1999, p. 50-52) a história da comunidade onde o evangelho de João foi formado, passou por basicamente quatro situações ou fases distintas, onde fatores externos e internos influenciaram o legado escriturístico do livro. A primeira fase da comunidade joanina ocorre começando na metade dos anos 50 até o final dos anos 80. Neste período a comunidade joanina estaria ainda dentro do judaísmo. Nestes anos teria acontecido uma primeira redação do evangelho Joanino que conteria as partes mais antigas do chamado “Livro dos Sinais” (Jo 1,19-12,50). Tendo sido iniciada por discípulos arregimentados do movimento de João Batista, e integrado progressivamente grupos de origem helenista e samaritana, a comunidade joanina inicia um processo de revisão das instituições do culto judaico, relativizando-as, ressignificando-as ou às vezes substituindo-as a partir da nova visão adquirida desde o encontro com Jesus. Tais como:

<b>AT</b>	<b>Culto Judeu</b>	<b>NT</b>	<b>Culto em Jesus</b>
Êxo 40,34	Glória no Sinai	Jo 1,14	Glória Encarnada
Sal 68,29	Templo Judeu	Jo 2,19-24	Corpo de Cristo
Êxo 20,8-11	Sábado descanso	Jo 5,17	Jesus e o Pai trabalham
Zac 14,16	Festa das Tendas/Águas	Jo 7,37-38	Jesus Água Viva
II Crô 7,9	Festa dedicação	Jo 10,36	Jesus consagrado

Assim Brown (1999, p. 50-52) considera que para o cristianismo existiram mais ganhos do que perdas, porém o paulatino distanciamento do judaísmo vinha com dezenas de conflitos sociais, políticos e religiosos. Estes judeus seguidores de Jesus eram interpretados como antinacionalistas e rebeldes que desonravam a herança vinda de gerações desde Abraão, Isaque e Jacó.

A segunda fase descrita por Brown (1999, p. 67) envolve a situação em que a comunidade se encontra após a decisão de expulsar das sinagogas as pessoas que afirmassem que Jesus era o messias (Jo 16,2). Nessa fase provavelmente ocorre a redação principal do evangelho.

F. Vouga sugere a data entre 95-100, que reflete a perseguição no tempo de Domiciano. Para a comunidade joanina expulsão das sinagogas já era passado, mas as cicatrizes com relação aos judeus que não absorveram os judeus seguidores de Jesus e as perseguições continuavam.

Ao serem rejeitados, comenta Brown (1999, p. 67), eles abriram o leque aos gentios através de escritos que atraíssem uma cultura universal e até se movimentaram geograficamente para Éfeso, de acordo com a tradição. Essa linguagem mais abrangente aparece de forma dualística no evangelho quando propõe: Luz x Trevas, Crentes x Descrentes, Salvos x Condenados.

Na terceira fase diz Brown (1999, p. 20-23) ter ocorrido uma divisão da comunidade em dois grupos devido a discordâncias quanto à Cristologia. Período marcado por volta do ano 100. Tempo esse em que foram escritas as epístolas, e, portanto, estão fora do âmbito de nosso trabalho agora.

Entrando na quarta fase na comunidade joanina, Brown (1999, p. 20-23), traz a dissolução dos dois grupos que outrora brigavam por questões que colocavam Jesus como Messias/Deus ou apenas um enviado. Contempla os vinte anos iniciais do segundo século. A compreensão da divindade de Jesus levou a antagonismos fora da comunidade e cismas dentro dela.

Resumindo o que ensina Raymond E. Brown sobre o processo de elaboração do evangelho de João podemos elencar cinco fases sucessivas (1999, V.1, p. 41-44):

A primeira seria a transmissão da tradição oral do apóstolo; a segunda a reelaboração deste material no meio dos círculos joaninos; a terceira seria a primeira redação do Evangelho; a quarta seria a retomada deste material que o mesmo autor utiliza, complementando com elementos novos surgidos na comunidade e a quinta e última seria uma redação final que constituiria uma revisão que um membro da escola joanina teria feito posteriormente.

Para Beutler (2015, p. 32-33) a datação do QE fica mais clara ao evidenciar a relação do mesmo com os sinóticos. Pensando nessa hipótese o evangelho de João não poderia ter sido composto antes dos anos 90.

Também por seu conteúdo básico ele não pode ultrapassar as cartas de Inácio de Antioquia, situadas nos últimos anos do Imperador Trajano (98-117).

Sénen Vidal (1997, p. 13-40) também é um autor que concorda com uma redação em etapas. Ele sintetiza e harmoniza vários estudos (Bultmann, Brown, Wengst, Cullman e Boismard) e inicia seu pensamento na sequência redacional do QE expondo que o texto inicial foi composto das tradições básicas que continham os relatos sobre João Batista, os milagres e a paixão de Jesus. Chama tal fase de pré-evangélica e a data entre os anos 30-70.

Vidal (1997, p. 13-40) também relata que marcada por perseguições, conflitos com autoridades farisaicas e expulsão das sinagogas a segunda fase redacional reflete este contexto e teria sido composta na década de 70-85. Na sequência uma nova edição teria sido feita pela comunidade atravessando um processo de institucionalização apostólica acrescentando ao texto novas glossas e o capítulo 21. Percorre o período de 85-90. Para Vidal, por volta do ano 100 ocorre a redação final fechando a quarta fase de composição do QE.

Portanto, para este trabalho de pesquisa, acomodaremos a idéia quanto à datação, que o QE, certamente baseados em Brown, Beutler e Vidal, não foi um produto de “escrita instantânea”, mas composto em várias fases, décadas e sob vários ambientes. Unindo tais autores trabalharemos com a composição final por volta da *segunda década* após ano 100.

## A.2. O Lugar

Para W. Bauer e Burney, citados em Brown (1999, V.1, p. 132) a composição de João se deu em Antioquia da Síria pelo fato de Inácio de Antioquia ter certa dependência literária, pelas semelhanças existentes entre suas teologias que supõem ou sugerem que se relacionavam na mesma região.

Comenta Arens (1997, p. 158-159) que quase todas as cidades do Império possuíam sinagogas judaicas, elas eram construídas em lugares destacados. O Apóstolo Paulo costumava visitá-las em suas missões. A arqueologia tem descoberto a existências de comunidades judaicas na Frígia, Lídia, Cária, Cilícia, Jônia e Pérgamo. Sendo que a mais conhecida seria a de Éfeso.

Ainda Arens (1997, p. 158-159) diz que boa porcentagem das comunidades cristãs das quais proveio a maioria dos escritos do Novo Testamento encontravam-se na Ásia Menor, inclusive as joaninas. Calcula-se que pelo menos dois terços dos judeus do século I viviam na diáspora, longe da Judéia, número que cresceu após a década de 70.

Segundo Ballarini, citado por Cothenet (1988, p. 361-365) João teria ditado seu evangelho em Éfeso, Irineu testemunhou. Já contrariando essa possibilidade, uma nota de Éfren ao *Diatessaron* de Taciano parece defender que o Evangelho foi escrito em Antioquia.

R. E. Brown (1999, V.1, p. 132) acredita que a composição do evangelho se deu na cidade de Éfeso pelos paralelismos existentes entre ele e o Apocalipse, o motivo da oposição a sinagoga característico de João, tem sentido em Éfeso (Ap 2,9; 3,9). Há também o impasse com os discípulos de João Batista provindos dali que só haviam sido batizados por ele sem conhecerem o Espírito Santo (Atos 19,1-7). Ficaremos então, com tal proposta ao longo do trabalho por se julgar mais avalizada.

### A.3. O Autor

Para Brodie (1993, p. 10-12) a evolução nos estudos Joaninos começou com o questionamento de sua autoria pelo apóstolo João. Seu rumo hoje é marcado pela constatação de marcas redacionais, testemunhas de uma composição em diversas etapas. Esta proposta rompe com o consenso anterior sobre um único autor, apóstolo ou não, a compor sua obra de uma só vez.

Concordando com tal proposta Tuñi (1999, V. 8, p. 22-26) diz que entre várias evidências que demonstram o caráter misto da redação, é bom mencionar as incertezas ou hesitações, emendas pouco elaboradas, que formam uma “colcha de retalhos” ou ainda textos inacabados. Há relatos sem final (Jo 3,2); fragmentos autônomos (Jo 3,31-36 e Jo 12,44-50); interrupções e acréscimos (Jo 3,22-30) em relação a Jo 3,1-21 e Jo 3,31-36.

Tuñi (1999, V. 8, p. 22-26) continua relatando que às vezes o objetivo parece de explicitar o conteúdo da passagem anterior como em Jo 10,1-21 em relação à Jo 9,1-41 e Jo 10, 19-21. Também há inconsistências narrativas quando são mencionados muitos sinais produzidos por Jesus, mas é mencionado apenas um sinal (Jo 3,2). Outra evidência seriam as glosas (Jo 4,1; 11,2; 17,3) e a repetição de temas (Jo 13,31; 14,3; 16,11-33). Por isso considerou-se a ideia que este evangelho pode ter sido o produto de vários redatores.

Ainda complementa Tuñi (1999, V. 8, p. 25) que a marca mais evidente para a autoria múltipla seria o acréscimo do capítulo 21, logo após a conclusão original em Jo 20,30-31, o que dá ao Evangelho uma nova introdução, mais ampla do que a primeira, na qual ressalta o protagonismo do Discípulo Amado, detalhe estranho aos capítulos Jo 1-20.

Já para Mateos e Barreto (1989, p. 7-12) o autor é único e é João. Defendem que nos detalhes de algumas narrações percebe-se um cenário com lembranças vivas do apóstolo. Mais de sessenta anos depois algumas cenas estão presentes na memória do apóstolo. Exemplificando, o encontro do discípulo com Jesus, além do Jordão (Jo 1,35-51). Ele lembra a hora do encontro. Parece um fiel cronista diante de seu mestre.

A Bíblia de Jerusalém (2002, p.1838) diz que se acaso tenha sido João, o discípulo, o autor, ele não foi o único. Isso se dá pela clareza de acréscimos e retoques ao longo de vários períodos diferentes, onde João nem mais vivo estaria. Este evangelho seria uma composição de lenta elaboração. Todavia a personalidade do autor central seria um judeu-cristão que se esforçou por rejudaizar o evangelho por meio de retoques escatológicos.

Brown (1975, p. 31-32) também acredita que tenha sido João o autor que originou a escrita e diz que nos últimos anos a pergunta se o autor é João, o filho de Zebedeu foi a principal questão Joanina e que remonta o século II. O que se pode afirmar de positivo quanto a esta opção é que o Evangelho de João foi acolhido no cânon mediante a condição de que tal obra fosse oriunda do filho de Zebedeu, portanto, de um apóstolo.

Continuando Brown (1975, p. 9) sua argumentação, diz que a autoria apostólica demonstrava autenticidade dos escritos e esta era a principal preocupação dos escritores primitivos. No entanto, quando os escritos joaninos aparecem somente no final do primeiro século, quando as testemunhas oculares já haviam desaparecido, houveram algumas dúvidas quanto ao autor. Mas o QE reivindica o privilégio de ter sido testemunha ocular (Jo 19,35; 21,24) e contém importantes tradições históricas sobre Jesus.

Brown (1999, V.1, p. 111-112) coloca como argumentos externos a validar a autoria de João, o discípulo as menções de Irineu de Lion; o fragmento muratoriano; o prólogo antimarcionista Latino, Clemente de Alexandria e Eusébio. Contudo, há controvérsias porque apesar de Irineu situar o QE em Éfeso, não há provas de João, filho de Zebedeu tenha passado por lá. Também há uma tradição dos testemunhos de Filipe de Side e Jorge Hamartolo, juntamente com Papias, que João morrera junto com seu irmão Tiago na década de 40.

Brown (1999, V.1, p. 114-119) sugere que em Éfeso houve outro João, que não o filho de Zebedeu, podendo ser até João Marcos parente de Barnabé que esteve em Éfeso nas viagens missionárias. Também poderia ser João, o presbítero, nomeado por Papias o bispo de Hierápolis, na Ásia Menor. Já as evidências internas apontam para passagens que mencionam o “discípulo amado” e coloca João neste lugar privilegiado. São elas:

- João 13, 23-26 (na última ceia ao peito de Jesus);
- João 19, 25-27 (Maria, a mãe de Jesus fica sob seus cuidados);
- João 20, 2-10 (Na ressurreição estava ao lado de Pedro);
- João 21, 7 (pescando reconhece Jesus na orla após a ressurreição);
- João 21, 20-23 (Ele “viveria” até o regresso de Jesus);
- João 21, 24 (afirma que é um discípulo e que ele é a fonte da narrativa conclusa). Brown (1999, V.1, p. 123) pensa que João, o discípulo, cumpre mais condições de ser o “discípulo amado” do que outras hipóteses porque ele:

- Era um dos 12;
- Estava sempre próximo a Pedro e Tiago, que eram o subgrupo mais íntimo de Jesus;
- Tal grupo ou dupla aparecem como companheiros em Jerusalém e Samaria no livro de Atos (Capítulos 3 e 4 e At 8,14).

Por fim Brown (1975, p. 6) menciona que Irineu de Lion, afirmou tal autoria porque quando criança tinha conhecido Policarpo, bispo de Esmirna, que conviveu e foi aluno de João, por isso sua tradição foi aceita e respeitada pela igreja. Ele admite que haja discussões sobre a autoria, suposições internas e externas que suscitem dúvidas, porém, as hipóteses de João Marcos, Lázaro ou outro desconhecido são mais fracas do que pensar em João, o discípulo, se dependermos de uma testemunha presencial.

Portanto, devido a vasta experiência de Brown e sua concentração específica no QE ficaremos neste trabalho com a convenção de que João, o discípulo seria o autor original, que começou oralmente talvez a composição do livro, mas que ao longo do tempo alguns outros também colaboraram para o resultado final.

## B. CONTEXTO HISTÓRICO

Nos primeiros quarenta anos das comunidades de judeus que acreditavam que Jesus era o Messias que esperavam, Mesters e Orofino (1996, p. 35) relatam a presença de inúmeros grupos, movimentos, tendências e doutrinas. Parte dessa gama é herança do judaísmo como os Fariseus, Joanitas, Prosélitos, Tementes a Deus, Samaritanos, movimentos Messiânicos, falsos irmãos, Balaamitas.

Mesters e Orofino (1996, p. 35) ainda continuam dizendo que outros vêm da diversidade de pessoas e lugares; comunidades fundadas por Jesus na Galiléia, outras fundadas por Paulo, Apolo e Pedro. Algumas ligadas a João, a Tiago e aos irmãos de Jesus. Também uma parte originária da inserção da cultura grega na rotina diária palestina. Tais como Nicolaítas e Gnósticos. Uns são aceitos com certa naturalidade e outros condenados como hereges.

Já Beutler (2015, p.14) traduz o contexto histórico de João não mais acompanhado das pluralidades dos grupos judaicos que aparecem nos Evangelhos sinóticos, pois a partir do ano 70, após a guerra contra os romanos, esses grupos são reduzidos apenas aos fariseus, isso pode estar ligado a data tardia de sua composição. Depois que o templo judeu em Jerusalém foi destruído, os saduceus, os zelotes e os essênios se tornaram irrelevantes. Apenas figuravam o grupo dos fariseus como único influente na época. Por isso então o QE identifica os fariseus como “os judeus” muitas vezes.

Richard (1994, p. 18) diz que através de uma leitura de João 1,29-51 percebemos que a comunidade Joanina nasceu da união do movimento de João Batista à obra de Jesus. Segundo o evangelho de João, João Batista é a testemunha que apresenta Jesus como aquele que veio restaurar Israel e carregar o pecado de todos. “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29).

Para Richard (1994, p. 18) este testemunho é aceito e reconhecido por todos. A partir do testemunho de João Batista, os discípulos seguem Jesus. Toda a seção 1,19-40 quer mostrar a continuidade entre o movimento de João (reconhecido pelas autoridades judaicas) e Jesus. Porém o que parece certo é que somente uma parte dos discípulos do Batista aderiram ao movimento de Jesus. Isso talvez tenha acontecido mais entre os anos 80-90, pois à primeira vista as profecias de João se mostraram verdadeiras quando o templo de Jerusalém foi destruído pelos romanos (Mt 3,7-12).

O movimento de seguidores de João Batista continuou até o século IV. A forma como os evangelhos sinóticos descrevem João Batista, a necessidade de afirmar que apesar do fato de Jesus ter se submetido ao seu batismo – isso certamente foi um fato histórico, conhecido pelos seguidores de Jesus e também de João Batista – Jesus é superior a João Batista, é uma prova de que no tempo e no contexto dos evangelhos estes dois movimentos coexistiram, até fizeram proselitismo e competiram entre si. Especialmente a figura e as palavras de João Batista, no evangelho de João, são explicitamente um convite aos discípulos de João (Batista) a entrarem na comunidade do Discípulo Amado. João Batista, chamado simplesmente de João no QE, simplesmente nega todas as afirmações que possam levar as pessoas a quererem segui-lo (Jo 1,19-28), e seu papel é simplesmente o de testemunhar que Jesus é o Filho de Deus e direcionar todas e todos para Jesus (Jo 1,29-34).

Konings (2005, p. 200) diz que quando as tensões com o Judaísmo aumentaram e os judeus que acreditavam no Messias foram expulsos das sinagogas (Jo 9,22; 12,42; 16,2) a situação de “excomungado” aparece pela primeira vez no relato da cura do cego de nascença (Jo 9,22). Nesse relato as autoridades são nomeadas como fariseus e depois como judeus evidenciando seu poder e influência.

Ao chamarem os pais do ex-cego (9,18-23) diz Konings (2005, p. 200) e perguntarem se ele realmente havia recuperado a visão, eles por medo de serem expulsos da sinagoga, pois para quem confessasse a Jesus como Messias tal ação já havia sido combinada (Jo 9,22), passam a responsabilidade de defender-se ao filho restaurado.

Ao dizer a verdade ele recebe a sentença (Jo 9,30-34). Há até uma reformulação das dezoito bênçãos que eram recitadas nas sinagogas e a décima segunda que era uma maldição sobre os hereges, agora inclui os cristãos.

Ao contrário do evangelho de João, onde a decisão política de expulsar os seguidores de Jesus das sinagogas é explicitamente conhecida e é uma realidade vivida pela comunidade Joanina (Jo 9,22; 12,42; 16,2), nos evangelhos sinóticos a expulsão da sinagoga não é explicitamente mencionada. Parece que a decisão política da expulsão das sinagogas ainda não havia sido tomada e esta realidade não foi vivida pelas comunidades que estão por trás dos evangelhos sinóticos.

Em Marcos, redigido por volta dos anos 70 certamente essa política judaica ainda não é uma realidade. Em Mateus, escrito por volta dos anos 85, são mencionados sérios conflitos de seguidores de Jesus com outros membros das sinagogas (Mt 5,11-12; 10,16-22). Talvez tenham sido expulsos de alguma sinagoga de uma cidade específica, mas ainda podiam fugir para outra cidade e ir a outra sinagoga ali (Mt 10,23). Mas não mencionam explicitamente a expulsão das pessoas que afirmavam em que Jesus era o Messias, e nem parecem ter conhecimento desta como política geral para todas as sinagogas. O evangelho de Lucas, escrito já um pouco mais tarde, ao redor dos anos 95, também se refere a uma série de conflitos vividos dentro da sinagoga, dentro do judaísmo. Talvez nele haja uma ligeira referência à expulsão. Pois, entre os conflitos e provações a serem enfrentadas pelos seguidores de Jesus, o evangelho de Lucas coloca o de ter “o seu nome amaldiçoado”, ou de ter seu nome “proscrito” por causa do Filho do Homem. Esta pode ser uma referência ao fato de ter seu nome retirado da lista dos membros da sinagoga, ou incluído nas maldições que foram acrescentadas na oração que justificava a exclusão dos seguidores de Jesus como hereges. Porém, do mesmo modo como em Marcos e Mateus, não há uma referência clara à política de expulsão como há em João.

Konings (2005, p. 43) coloca o QE no contexto histórico-social posterior, sendo assim a expulsão das sinagogas como prática e ainda tendo conseqüências religiosas e socioeconômicas na vida dos “dissidentes”. Relata que eles ficavam sem proteção, sem trabalho, sem relações sociais e comerciais, separados da tradição religiosa, dos serviços e ritos. O judaísmo era religião tolerada pelo Império, mas ao serem expulsos das sinagogas os cristãos deveriam aderir aos costumes pagãos e participar do culto ao Imperador sob a pena de sanções legais.

Contudo, comenta Mateos e Barreto (1989, p. 7) que a coerência em João não se dá tanto pela confirmação de seus dados histórico-sociais, mas sim na unidade temática, em relação ao seu plano teológico. Logo, conhecendo dados externos, iremos mergulhar em dados internos para que cheguemos aos conceitos satisfatórios desta pesquisa. Prossigamos.

### C. CONTEXTO CULTURAL

Mateos e Barreto (1989, p. 6-7) comentam que o vocabulário do QE familiariza o leitor com a linguagem da obra, e é ao mesmo tempo herança do ambiente e cultura em que nasceu. Em determinada proporção, era linguagem “técnica”, criada pela comunidade, com a finalidade de expressar sua vivência na comunidade de seguidores e seguidoras de Jesus, agora já separados das sinagogas. O leitor daquela época aproximava-se do livro já de posse de sua linguagem.

Stambaugh e Balch (2008, p. 43) dizem que os judeus da diáspora usavam o grego pra comunicações pessoais e oficiais. A educação grega era também a que recebiam muitos judeus da diáspora, pois alguns deles, os mais abertos iam ao ginásio e participavam de treinos atléticos e retóricos.

Freyne (1996, p. 147) diz que as barreiras entre cultura judaica e grega não foram insuperáveis, pois encontramos relatos como o da mulher siro-fenícia que foi procurar um curandeiro e foi atendida por Jesus. Em João, os gregos que querem aproximar-se de Jesus o fazem por meio de um discípulo de nome grego que era Filipe.

Freyne (1996, p. 147) diz que este Filipe é provavelmente um dos diáconos helenistas escolhidos para o serviço às viúvas dos helenistas preteridas nos serviços das sinagogas, que só atendiam às viúvas dos judeus (At 6,1-7). Será também Filipe que irá apresentar o evangelho aos samaritanos (At 8,5-8), quando os judeus de origem grega e seguidores de Jesus tiveram de fugir de Jerusalém devido à perseguição movida contra eles por judeus mais tradicionais (At 8,1), depois do conflito que desembocou no apedrejamento de Estevão (At 6,9-7,60). Entre os perseguidores podiam inclusive também estar seguidores de Jesus mais fechados e aferrados ao judaísmo como a única religião do Deus vivo, que no contexto de Paulo, geralmente são classificados como “judaizantes”.

Brown (1999, p. 25-26), como foi visto acima, diz que o Evangelho de João é fruto de uma longa elaboração, escrito num ambiente cultural e eclesial multifacetado. É uma releitura da vida de Jesus escrita para o leitor contemporâneo, enfrentando a dupla perseguição do império romano e dos “judeus”, que depois da guerra dos anos 70 começaram a fechar em sua própria ortodoxia, exaltando a “*Torah*”, como manifestação última e definitiva da vontade de Deus. A comunidade joaninas e opõe a isso colocando que Jesus de Nazaré é a verdadeira e última manifestação de Deus.

Ainda Konings (2005, p. 23-24) diz que o autor cita como exemplo, o termo  $\Lambda\omicron\gamma\omicron\sigma$  (Logos) considerado como patrimônio comum da cultura helenística e que, no entanto, recebe, neste Evangelho, a carga semântica já presente no  $\Lambda\omicron\gamma\omicron\sigma$  (Logos) da LXX. Sem deixar de reconhecer a diversidade de ideologias religiosas e linguagens teológicas que reinavam na época, diz claramente, que elas foram perdidas pela visão unilateral dominante do judaísmo farisaico.

Para Brown (1999, p. 68-72) a descoberta dos textos de *Qumran* confirma também a existência de grupos contrários ao judaísmo oficial da época. A tendência sincretista da diáspora grega está presente na Palestina. Não obstante a um grupo de “judeus” se fecharem em sua convicção de fé, a comunidade Joanina manifesta que a fidelidade às tradições judaicas não excluía a abertura às influências estrangeiras.

#### D. CONTEXTO RELIGIOSO

De acordo com Bruce (1987, p. 25), os capítulos centrais em João são dedicados a um debate entre Jesus e os líderes religiosos em Jerusalém, que continua nas décadas seguintes entre os seguidores de Jesus e as autoridades das sinagogas. A destruição do templo em 70 fez pouca diferença para a vida dos judeus da dispersão.

Bruce (1987, p. 25) acrescenta que este debate alcançou um estágio crítico por volta do ano 90, quando uma das orações do culto sinagoga, chamada *Shemonê Esré*, foi modificada para excluir os judeus que confessavam crer que Jesus era o Messias esperado. Aliás foi dentro da oração acrescentado um tópico que era um pedido de proteção divina perante os hereges. A bênção que se requeria na *Birkat Ha Minin* era de que todos os contrários ao judaísmo desaparecessem. Provavelmente a divulgação e implementação desta oração faz parte do pano de fundo onde vivem as comunidades joaninas e onde acontece a principal redação de seu evangelho. A violência praticada pelo judaísmo oficial contra os seguidores de Jesus certamente será importante fonte de discernimento teológico espiritual para a comunidade joanina decidir-se cada vez mais pelas perspectivas apontadas por Jesus (Jo 8,31-50). O verdadeiro culto a Deus não combina com e nem comporta violência.

Stambaugh e Balch (2008, p. 42 e 127) dizem que a função social da sinagoga era proporcionar senso de pertença e facilitar contatos relacionais e profissionais. Porém, a maior parte das comunidades de seguidores e seguidoras de Jesus reunia-se também em casas de famílias Greco-romanas (I Cor 16,19). Iniciavam a formação de uma rede de proteção social e relações de diversos tipos também a partir das ligações entre estas casas.

Barclay (1955, p. 1424) menciona que havendo passado cerca de setenta anos da crucificação de Jesus a igreja tornara-se uma instituição. Embora o pensamento deste autor seja de cunho muito proselitista, baseado no texto do evangelho lido como descrição de fatos realmente acontecidos, e equivocado também em vários outros históricos,

especialmente ao pensar que ao redor do ano 100 já houvesse algo que se pudesse considerar uma Igreja Cristã instituída, suas ideias serão citadas aqui como parte do debate a respeito da interpretação do QE. Para Barclay, estavam sendo elaboradas teologias e credos e era inevitável que alguns pensamentos equivocados levantassem discórdias. Duas fortes ideias foram combatidas por João:

- João Batista como Messias. Houve uma seita dentro da fé judaica ortodoxa que exaltava o profeta como um tipo de “semi-Deus” ou um Messias. Porém, o evangelho joanino mostra sua humildade e renúncia à primazia ou pretensões messiânicas (Jo 1,20ss; 3,28; 4,1; 10,41). Não no evangelho recriminação a pessoa do Batista, mas há aqueles que queriam dar a João Batista um lugar que só pertencia a Jesus.
- Gnosticismo. A matéria é má e o espírito é bom. Logo, Deus não tem como ter criado o mundo já que não poderia tocá-lo. Então ele lançou emanções que foram se afastando de Deus até chegar em uma que pôde tocar a matéria. Ou seja, o mundo não foi criado por Deus, mas um poder que veio dele. Por isso João começa seu evangelho afirmando que “todas as coisas foram feitas por intermédio de Jesus” (Jo 1,3).

Barclay (1955, p. 1425-1426) também diz que as crenças gnósticas influíam nas ideias sobre Jesus de três formas distintas:

1ª – *Jesus era uma das emanções de Deus*: não era divino em nenhum sentido real. Era só um elo a mais na cadeia de seres inferiores que estavam entre Deus e o mundo.

2ª – *Jesus não tinha corpo real*: ele era uma espécie de fantasma sem corpo real, pois de acordo com suas crenças, um corpo é matéria e Deus não pode tocar a matéria. Não podiam admitir a ideia de Jo 1,14: “e o verbo se fez carne”. Ele só parecia ser um homem, conceito chamada docetismo.

3ª – *Jesus era um homem em que o Espírito divino entrou no batismo*: esse espírito permaneceu com ele durante seu ministério, mas o abandonou diante da crucificação, pois o espírito não pode sofrer e morrer!

As crenças gnósticas destruíam tanto a divindade como a humanidade real de Jesus e João procurou lidar com isso expressando e reforçando verdades, como a encarnação do verbo.

A perspectiva proselitista e fundamentada no texto como reportagem descritiva fiel a acontecimentos e diálogos históricos de Barclay, repetida por vários outros autores ainda hoje, acaba dando muito mais ênfase à discussão de questões doutrinárias e religiosas, do que às questões relacionadas à prática do amor, como forma de demonstrar o verdadeiro seguimento de Jesus oposta às perspectivas religiosas e espirituais que em nome de doutrinas impunham exclusão e violências.

Há discussões sobre a origem e datação do surgimento do gnosticismo. Por exemplo: Trevijano (2001, p. 186-187) cita Ménard (Paris, 1986) que explica o gnosticismo como um movimento de dupla face constituído de elementos judeu-oriental revestido do helenismo. Estima que o cristianismo helenístico pré-paulino havia entrado em contato com a gnósis por meio de um judaísmo helenizado gnóstico.

Trevijano (2001, p. 186-187) também menciona que desde o final do séc. XIX pesquisas histórico-religiosas veem a gnósis como um movimento pré-cristão de caráter universal, produto do sincretismo da época. Citando Bousset (Gottinga, 1973) que estudou o grupo dos “*mandeus*” no Iraque, que são um grupo pequeno sobrevivente da antiga religião gnóstica, não sabe precisar se sua origem remontam tempos pré-cristãos ou islâmicos, mas o fato é que existiu tal influência e deixou ainda adeptos.

Carson (2007, p. 88) citando Strachan, afirma que um dos maiores objetivos do QE era combater o gnosticismo, mesmo admitindo o fato de que os argumentos ali apresentados sejam fracos em relação as cartas de João, sendo as categorias muito judaicas.

Koster (1988, p. 696-698) já menciona o QE não como combatente do gnosticismo, mas até composto utilizando paralelos da cultura e escrita gnóstica da época. As peculiaridades joaninas nos discursos e diálogos de Jesus, para ele seriam analogias de textos gnósticos comuns nos achados de *Nag Hammadi* descobertos em 1945 e publicados em 1977.

Exemplifica em Jo 3,3 a menção para “nascer de novo” para Nicodemos existente em Justino no contexto de uma liturgia batismal. Sendo assim, apesar de pontos divergentes quanto a datação do gnosticismo, muitos concordam que ele estava presente na cultura da comunidade joanina.

Também Koster (1988, p. 696-698) continua dizendo que a declaração de Jesus sobre ele em Jo 7,33-34, a saber, que eles “o buscarão, mas não o encontrarão”, existe no Evangelho de Tomé (38) entre os ditos de Jesus. Outro texto paralelo de um livro sapiencial desconhecido de Baruc, citado por S. Cipriano (Testemunho 3,29), mostra que esta frase era originalmente uma manifestação própria da Sabedoria celestial, que diz estar entre os homens por algum tempo e então retornar para a sua morada celestial. A sentença de Jo 8,5 "quem quer que guarda a minha palavra não provará da morte" é uma variante do Evangelho de Tomé (1) atestada também como dito de Jesus no *Diálogo do Salvador* (147,18-20). Jo 16, 24 (pedindo, recebendo, alegria cumprida) é também uma sentença de Jesus como comprovada novamente pelo *Diálogo do Salvador* (129, 14-16).

De acordo com Konings (2005, p. 41) o templo já era e as reuniões saíam das sinagogas para as casas de família. O próprio Jesus não se criou a sombra do templo ou mestres rabínicos e as comunidades joaninas mantiveram tal herança. Daí o caráter homilético do quarto evangelho sobretudo nos caps. 5-12. Tais comunidades ao mesmo tempo são missionárias e perseguidas. Ameaçadas pelo “mundo” dão testemunho de Jesus e formam quase um gueto na sociedade daquele tempo.

Continua Konings (2005, p. 42-48) dizendo que João distancia-se das instituições judaicas quando fala em “festas dos Judeus” (Jo 2,13; 5,1; 6,4; 7,2; 11,55), “vossa Lei” (Jo 8,17; 10,34; 15,25). A linguagem no quarto evangelho parece sugerir um novo culto racional conforme as cartas do novo testamento (Rm 12,1; Hb 13,15; 1Pd 2,5). Ele substitui os grandes símbolos do sistema religioso de Israel pela pessoa de Jesus. Relata a desistência dos “judeus” da aliança e expectativa messiânica quando dizem: “não temos outro rei senão César” (Jo 19,15). Discordando um pouco de Konings, seguimos a opinião de que essas perspectivas certamente entraram no QE em suas redações finais. Já supondo um distanciamento em relação ao Judaísmo.

## E. CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL

Brown (1999, p. 738) menciona que há indícios acerca do ambiente da comunidade joanina no próprio evangelho. João 4,4-42 alude a conversão de um grupo significativo de samaritanos. A vinda dos gentios em Jo 12,20-26 sugere que a comunidade tinha deixado a missão aos judeus e evangelizava os gentios. Estavam proibidos de frequentarem as sinagogas, mas João insiste que havia crentes simpatizantes dentro do judaísmo ainda (Jo 12,42-43). Então parece que vários grupos com características e origens socioculturais diferentes se uniram perante a mensagem de Jesus: Judeus Galileus, Judeus seguidores de João Batista, Judeus helenistas Gentios e Samaritanos.

Konings (2005, p. 38) diz que a narrativa joanina não realça o mundo dos pobres, mas os cuidados que os cidadãos influentes e de classes superiores deveriam ter em relação a eles. Aparecem personagens peculiares como João Batista, da família sacerdotal; Nicodemos, um funcionário real em Cafarnaum, que se converte com toda a sua casa; a família de Lázaro que tem condições de oferecer um banquete a Jesus e judeus visitantes, também José de Arimatéia que possuía um túmulo próprio, coisa impossível para um pobre.

Por outro lado, o quarto evangelho é fortemente comunitário, continua Konings (2005, p. 38). A prática da esmola é pressuposta em Jo 12, 5-6; 13,29. Não aparecendo o ensino direto em relação aos pobres ele não os exclui quando ensina de maneira geral o amor fraterno a exemplo do Senhor e o serviço mútuo (Jo 13,14. 34-35).

Konings (2005, p. 39) continua relatando que naquele contexto pertencer a um grupo era uma questão de vida ou morte. O excluído tornava-se uma pessoa sem referência social, sem proteção e sem lastro econômico. Para os pobres significava até a mendicância, para os ricos a perda do prestígio e posições sociais. As comunidades cristãs incluíam estes excluídos das sinagogas. Assim João simpatiza com os personagens que estão longe dos grupos dominantes como a Mulher Samaritana e os samaritanos(cap. 4); o aleijado de Bezata (cap. 5) e o cego de nascença (cap. 9), gentios de origem grega (Jo 12,20-21), por exemplo.

Também Konings (2005, p. 40) menciona o papel notável desempenhado pelas mulheres neste evangelho. Parece um senso de valor diferenciado. Jesus realiza seu primeiro sinal a pedido de sua mãe (Jo 2,4-5). A primeira pessoa a colher a confirmação de sua Messianidade é uma samaritana (Jo 4,26). Marta mostra sua fé elogiável (Jo 11,27). No modelo patriarcal judaico este clima de abertura a mulher era incomum. A situação temporal e ideológica permeando entre o helenismo e judaísmo facilitou tal abertura.

Ainda Konings (2005, p. 40) relata que o evangelho de João não se entusiasma com um messianismo nacionalista (Jo 6,14-15). Jesus não anuncia seu reino como os judeus esperavam. Um reino de domínio político e libertador para eles. O título “rei dos judeus” é tratado com ironia aqui (Jo 19,19-22). Não exhibe interesse especial pelo império romano, nem no momento do processo contra Jesus prestes a ser crucificado, mas demonstra outra vez (Jo 18,28 – 19,22) ironia a respeito do governador e sua autoridade:

João apresenta Pilatos como fantoche nas mãos dos “judeus” ou como cínico em relação a eles e a Jesus; sua declaração da inocência de Jesus nada significa (19,38). João está longe de Lucas, que vê no Império Romano uma proteção e veículo para a expansão do evangelho. (Konings, 2005, p. 41).

Freyne (1996, p. 137) explica que a vida nas aldeias era simples, escassa e até brutal às vezes. Cerca de 40% dos produtos campesinos eram consumidos em taxas do sistema Romano. A diversão vinha por conta de menestréis itinerantes ou as festas religiosas. A peregrinação a Jerusalém, embora cheia de perigos tinha uma função social de ampliar os horizontes e deixar as preocupações rotineiras de lado.

Continua Freyne (1996, p. 137) dizendo que geralmente eles compartilhavam instalações como poços, prensas de oliva, eiras de debulhar e fornos para fazer o pão, mas isso dava origem a dissensões locais, em vez de ajudar no espírito comunitário. Num patamar um pouco mais elevado como no caso dos pescadores com empregados, a cooperação era possível a fim de aumentar os lucros.

As habitações, explica Freyne (1996, p. 136) eram pequenas e agrupadas com condições primitivas originando doenças e expectativa de vida curta. Os assaltos por ladrões de passagem eram frequentes. Por isso alguns construía afastados das estradas e no alto de morros. Os exércitos invasores eram fonte de aflições onde os aldeões eram obrigados a dispor de alimentos independente de suas próprias necessidades.

Ainda Freyne (1996, p. 135) conta que as cidades maiores giravam em torno de uma população de 15 mil pessoas enquanto as aldeias contavam com apenas um grupo de famílias por volta de 300 casas.

Freyne (1996, p. 131) diz que os camponeses consideravam as cidades como um lugar hostil, já que era a sede dos que controlavam social e economicamente suas vidas – os cobradores de impostos e aluguel e outros burocratas da administração central. Eles eram impotentes contra as fiscalizações que vinham das cidades a menos que recorressem à violência ou fuga. Nenhuma dessas possibilidades melhorariam seu destino. Assim a esperança de sair deste ciclo para muitos era o novo reino prometido pelo Messias e muitos o aceitaram procurando mudanças, inicialmente, nessa vida. No entanto, na época das comunidades joaninas, tal aceite não trouxe somente coisas positivas, mas muitas pressões além das que já possuíam.

Assim vemos que o evangelho de João teve de conviver com mudanças de conceitos teológicos, multiplicidade cultural, situações de imposições políticas, desigualdades sociais marcantes em um tempo já bem distante da realidade “Jesus”. Devido aos tipos de filosofias nacionalistas tais áreas por vezes se misturam. Logo, sua abordagem levou em conta este tempo e público para o qual foi escrito e também personagem. Por isso o QE, apesar de ser origem judaica, seus escritos distanciam as tradições antigas das novas ideologias de sua comunidade. Há no QE uma ressignificação da vida litúrgica do judaísmo tradicional, porém agora centrado mais na prática do amor do que em doutrinas e rituais. Para o QE o que conta é a prática do amor. As redações mais tardias deixarão isso bem claro nas cartas: “Quem não ama não conhece a Deus” (1Jo 4,8); “Se alguém disser: Eu amo a Deus, mas odeia seu irmão, esse tal é um mentiroso.

Pois, quem não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amara a Deus, a quem não vê. E esse é o mandamento que recebemos dele: quem ama a Deus, ame também a seu irmão.“ (Jo 4,20-21) Para a comunidade Joanina em Jesus se revela o rosto de Deus (Jo ). E o que a comunidade joanina vê em Jesus é que “Deus é amor” (Jo 4,9.16). Deus não é um conjunto de doutrinas, uma série de rituais, leis ou religião: Deus é amor. Independente de rituais e religião, é o amor que mostra quem é de Deus ou quem não é.

Certamente que há discordâncias com “os judeus”. Porém o evangelho de João, tido como o “discípulo do amor” jamais incentiva agressões físicas. Quando da menção da separação do “mundo” queria antes de tudo afastar definitivamente os membros de suas comunidades de qualquer resquício de apelo à violência, bastante comuns nos meios judaicos controlados pela religião oficial e também por autoridade sedentas para mostrar serviço aos seus superiores nas estruturas do império romano.

A seguir, com tal pano de fundo formado, acompanharemos o que o livro de João nos traz sobre a expressão “os judeus” e suas conotações variadas.

## 2. ANÁLISE DA EXPRESSÃO “OS JUDEUS”

O evangelho de Mateus apresenta Jesus como Rei; Marcos como servo; Lucas como homem. Já no Quarto Evangelho, João apresenta Jesus como Deus. Tal conceito trouxe muitas discussões, mudanças positivas e negativas nos relacionamentos humanos no final do século I.

Uma dessas discussões ficou bem marcada no uso da expressão “os judeus”. Esta expressão na maioria das vezes é usada como referência a grupos de pessoas que estão em oposição a Jesus e ao evangelho. Porém cada menção precisa ser bem entendida para que não façamos interpretações equivocadas que nos levem a práticas preconceituosas. Tais menções às vezes são tão hostis que nos fazem pensar: o autor do QE era anti-semita? Os Judeus eram o demônio personificado?

Sheridan (2013, p. 695) diz que é mais fácil traduzir “*ioudaioi*” por “Judeus” do que criar cláusulas qualificadoras em torno do termo para especificar um grupo distinto do outro. Contudo, traduções acomodadas e conciliatórias obscurecem o duro anti-judaísmo do texto no sentido de que esse grupo é associado à descrença (5, 47-48; 8, 45-46; 10, 26), intenção de matar (5,18; 7, 1.19. 25; 11,53), e obstinação (12:40) no Evangelho.

Algumas maneiras de ler e interpretar “os judeus” faz-nos esquecer que historicamente, Jesus era judeu, e que todos seus primeiros seguidores também eram, e que a maior parte do Novo Testamento foi escrito por pessoas que ainda frequentavam as instituições judaicas (At 2,46; 3,1). Desencaixar Jesus, e seu movimento de seu contexto têm consequências sérias, para as igrejas que usam essa interpretação equivocada, tornando o efeito da pregação atual inverossímil.

Sendo assim para uma compreensão sem distorções, neste capítulo com base em dicionários, comentários e autores especialistas no evangelho de João iremos analisar variáveis gramaticais, semânticas, grupos que compuseram “os judeus” e finalmente aqueles que dentre estes foram os mais contrários a cristologia e teologia contidas na fé das comunidades joaninas.

## A. VARIÁVEIS GRAMATICAIS

Coenen e Brown (2000, p. 1051-1052) mostram que no grego a palavra ***loudaios*** (Ιουδαίος) é usada:

(a) como adjetivo com o significado literal, “judeu”. Ocorre em alguns manuscritos com a palavra *anthropos* (homem no sentido genérico); em Jo 3,22, com a palavra γῆν “terra” ou “país”, significa “judaico”, literalmente, “terra de judeus”; usado por metonímia para se referir ao povo do país;

(b) como substantivo, “judeu, judeus”. O nome “judeu”, num sentido geral, aparece como referência a membros do reino de Judá, o reino do sul. Com este sentido é encontrado pela primeira vez em 2 Rs 16,6, em distinção a Israel, o Reino do Norte. Depois do Cativo, o nome passou a ser usado para distinguir a etnia judaica, dos outros povos ao redor. Como nos casos de Esdras 4,12; Neemias 5,1 e Ester 3,6. No mundo do Novo Testamento (Jo 2,6); distingue os judeus dos samaritanos (Jo 4,9). A palavra é muito frequente no Evangelho de João e em Atos; no primeiro, denota especificamente os representantes típicos do pensamento judaico em contraste com os crentes em Jesus ou com os outros judeus de opiniões menos pronunciadas (Ex.: Jo 3,25; 5,10; 7,13; 9,22); tais representantes eram encontrados, geralmente, em oposição a Jesus.

De acordo com o levantamento obtido através do software “BibleWorks”, dos 64 versos que aparece a palavra “Judeus” – ***loudaios*** (Ιουδαίος) ou seus correlatos nas declinações dos casos gregos em João, nenhuma muda a raiz ou apresenta sinônimos paralelos (BibleWorks, 1995). Logo, trabalharemos aqui com somente variações de significados.

## B. OCORRÊNCIAS

Na Bíblia GNT (Greek New Testament - NESTLE-ALAND, 1993) encontramos 64 versos com a expressão “os judeus” e 71 ocorrências dela em seu conteúdo no evangelho de João. A seguir veremos os sentidos diferenciados da expressão “os judeus” apresentados por comentaristas e historiadores, assim teremos uma compreensão melhor dos grupos que constituíam e sua influência na história evangélica.

### C. VARIÁVEIS SEMÂNTICAS

De acordo com Mateos e Barreto (1989, p. 146-156), as variáveis semânticas mais comuns encontradas para a expressão “os judeus” no livro de João denotam o povo em si, nascido no país. Também por vezes os grupos religiosos e por fim grupos políticos de autoridade perante a sociedade da época. Há uma conotação negativa, positiva ou neutra, quanto às ações deles perante os ensinamentos de Jesus, ou seja, um público contrário e a favor.

Também Louw e Nida (2013, p. 733) concordam que a palavra *loudaios* (Ιουδαίος), que forma parte na expressão que estamos pesquisando, deriva de *Judas ou Judá* no AT, e pode ser um termo étnico de uma pessoa que pertence à nação judaica, ou referir-se ao povo todo, habitantes de Jerusalém e redondezas. Ou ainda referir-se às autoridades de Jerusalém e abrangendo mais, os que se opuseram a Jesus. Beutler (2015, pg. 229) sugere grupos distintos, mas que se integram com os que listamos:

<b>Beutler (os Judeus)</b>	<b>Outros Autores (os Judeus)</b>
Como povo	Nacionalidade
Opositores aos Gentios	Religiosos / Nacionalidade
Contemporâneos de Jesus em costumes	Religiosos
Antagonistas de Jesus	“Políticos”

Vamos à classificação da maioria deles então:

#### C.1. Nacionalidade

De acordo com Coenen e Brown (2000, p. 1051), obviamente o significado para a expressão “os judeus”, pelo fato da religião nacional ser o judaísmo, primariamente designava afiliação na nação (a etnia) como também algum convertido, que vivia conforme os costumes judaicos, mesmo que não fosse nascido no país era chamado “judeu”. No entanto, começaremos pelos textos com sentido mais genérico da expressão que parece incluir todos os nativos. Lembramos que não faremos uma exaustiva análise individual dos textos, pois o objetivo não é entrar neles, porém extrair o sentido mais claro da expressão “os judeus”, mesmo que o cerne do assunto não sejam eles. Vejamos eles: Jo 2,13; 4,9; 4,22; 5,1; 6,4; 7,2; 11,19; 11,31; 11,33; 11,36; 11,45; 11,55; 12,9; 13,33; 18,33; 18,39; 19,3; 19,14; 19,19; 19,20.

Neste tópico de acordo com Brown (1999, p. 42), dentre os grupos representados pela expressão “os judeus”, quando se refere à *nacionalidade* ou os indivíduos de forma geral, nascidos ou absorvidos pelo país, a conotação não é negativa, nem positiva, ou seja, muitas vezes tais pessoas não se posicionam contra ou a favor de Jesus e suas doutrinas.

Logo, a expressão funciona mais como um identificador e não como limitador “tribal” de censura ou aceitação como veremos nos casos seguintes. Como nascido no país Jesus no evangelho de João parece não desejar reduzir ou aumentar grupos, mas atingir o máximo de pessoas que esperavam ou haviam tido contato com as profecias messiânicas. Apesar da leitura do texto, às vezes, pressupor Jesus como somente “líder religioso” ele era *judeu* e não se envergonhava disso.

Aqui então, a expressão “os judeus” indicaria um grupo mais neutro nos debates teológicos da época, quando se referiam aos ensinamentos e pessoa de Jesus. Uma mera designação genérica aos moradores do país ao mencionar *os judeus*. Até mesmo pessoas que não moravam ou nasciam no território judeu, mas mantinham suas crenças e tradições posteriormente foram designadas “judeus” como acompanhamos em Atos 2,9-11. Vejamos a seguir tópicos diferenciados deste, onde ficam mais explícitas discordâncias ideológicas dentro da expressão em pauta.

## C.2. Grupo Religioso

Diz Pagola (2013, p. 29) que os judeus que creram em Jesus como Messias deixando o conformismo ou formalismo por apenas terem nascido naquele país e agora, depois do evento Jesus, tiveram um novo fôlego sobre a religião antiga, inauguraram um grupo positivo que acompanhou os discípulos diretos no evangelismo pela Ásia.

Beutler (2015, p. 35-36,63) diz que compõe o grupo “dos judeus” parte da liderança religiosa que se concentrava em Jerusalém. Ele também orienta a não exagerar na provocativa contemporânea inter-religiosa, já que, em alguns textos vemos uma discordância agressiva. Incluindo sacerdotes e levitas “os Judeus”, primariamente, não tinham a intenção de discordar ou hostilizar o novo grupo que se organizava em torno de Jesus,

mas, tinham responsabilidade com os ensinamentos e queriam se certificar da veracidade dos mesmos por parte de um rabino sem credenciais.

As ideias inéditas de Jesus, *como não fazer aceitação de pessoas ou raças, não colocar a lei antes do amor, guardar o sábado como prazer em adorar e não como uma obrigação*, mediante aos conteúdos antigos, por vezes era o estopim de muitas discussões e balbúrdia entre o povo. Os textos que classificam a expressão em pesquisa: Jo 1,19; 2,6; 2,18; 2,20; 3,1; 5,10; 5,16; 5,18; 6,41; 6,52; 7,15; 7,35; 8,22; 8,31; 8,48; 8,52; 8,57; 9,18; 9,22; 10,19; 10,24;; 18,20; 19,40; 19,42.

Kostenberger (2004, p. 59) classifica os sacerdotes e levitas que vieram até João Batista (Jo 1,19) identificar quem era e o que estava ensinando, como uma delegação com autoridade religiosa em Jerusalém.

Nichol (2013, vol. 5, p. 999) comenta que tais religiosos foram enviados pelo Sinédrio (Grupo de líderes com autoridade máxima na religião judaica) demonstrando a preocupação com um movimento extra-oficial talvez.

Bruce (1987, p. 140-141) diz que na ocasião de Jo 6,41-52, *os judeus* deveriam ser pessoas ou líderes da sinagoga de Cafarnaum, lugar onde Jesus morou por anos e por isso era conhecido ali. Este grupo de judeus descritos em Jo 7,15 provavelmente seriam escribas e fariseus, homens de autoridade na interpretação das escrituras.

Nichol (2013, vol. 5, p. 1096-1103) comenta que os versos de Jo 8,22.31.48.52.57 há um só grupo de judeus religiosos que se dividiram por momentos em crer ou não na divindade de Cristo. Em meio as suas incertas convicções eram convencidos, às vezes com as palavras de Jesus, mas não pela sua pessoa. Ainda o acusaram de estar dominado pelo demônio quando este declara ter vivido antes de Abraão.

Barclay (1955, p. 310) comenta sobre a controvérsia dos judeus com Jesus em Jo 10, 5:

Os judeus se consideravam um povo religioso; mas como se aferravam a sua ideia da religião antes que à ideia de Deus tinham terminado por afastar-se tanto de Deus que se transformaram num povo sem deus. Encontravam-se na posição terrível de servir, sem deus a Deus. Quando lhes disse que eram estranhos perante Deus, os judeus reagiram como se lhes tivessem cravado um agulhão. Lançaram seus insultos contra Jesus. Tal como nos chegou suas palavras, acusaram-no de ser samaritano e louco.

Como já foi visto acima, Barclay (1955, p. 310) deve ser visto com muito cuidado crítico e restrições. Suas palavras aqui servem para fomentar anti-semitismo. Esquece que Jesus era Judeu, e que muitas coisas que falou ele ouviu ou aprendeu dentro do judaísmo, embora não das correntes oficiais, mas de fontes proféticas do judaísmo, provavelmente retomadas pelo movimento de João Batista, a partir do qual Jesus inicia a sua vida pública e a sua pregação.

Konings (2005, p. 323) menciona que em Jo 18,20 Jesus esclarece que seus ensinamentos ou grupo não têm nada de sociedade secreta ou disfarce. Ele afirma ter ensinado nos lugares mais públicos da religião judaica: as sinagogas e o Templo. Nenhuma reunião clandestina foi realizada com intenções de fomentar motins, mas com verdade ensinou nas sinagogas judaicas e também nas ruas dando oportunidades a todos os israelitas.

Beutler (2015, p. 14) explica que após o ano 70, por ocasião da destruição do templo, não mais haviam grupos variados religiosos como no tempo de Jesus. Os saduceus, zelotes e essênios haviam sido extintos. Talvez alguma crença difundida pelos mesmos tenha restado, mas de maneira individual e desorganizada. O grupo mais presente e freqüente ainda na vida religiosa judaica seriam os *fariseus*, então possivelmente é uma parte deste grupo que foi chamado de “os judeus” em alguns episódios de disputa.

Poucas vezes então acompanhamos neste tópico, judeus religiosos indiferentes a mensagem do evangelho. A maioria dos textos mostra pessoas que absorveram a fé, divulgaram e viveram com alegria seu novo estilo. Aqueles que viram, ouviram e fizeram parte de ensinamentos e milagres em si mesmos. Tocaram e foram tocados pelos ensinamentos de Jesus. Também há relatos de judeus que de maneira negativa lidaram com as novas ideias. Ameaçaram fisicamente Jesus e seus seguidores. Tiveram discussões severas e boicotes dos que se associavam ao grupo cristão. Porém não tinham força política para levar a cabo seus intentos exagerados. Essa prática *não* é defendida ou ratificada pela Bíblia.

O relato sagrado mostra exemplos do que devemos fazer e também claramente do que *não* devemos fazer. Fica bem explícito o fato de que Jesus nunca revidou ou incentivou agressões físicas nem verbais. Ao contrário quando Pedro que era *judeu*, seu discípulo, quis resolver questões religiosas, de liderança, ou prosseguimento do grupo messiânico com uma faca,

decependo a orelha de Malco (Jo 18,10.11), foi repreendido e não aplaudido por Jesus.

Logo, hoje, em qualquer canto deste planeta, nunca um ato de preconceito, exclusão, perseguição, tortura, menosprezo, agressão ou assassinato em nome da fé pode ser atribuído aos ensinamentos Bíblicos ou de Jesus Cristo. A liberdade de crença ou expressão foi permitida por ele. Conviveu com pessoas que não creram nele e nem por isso foi rude ou tentou o mal contra elas. Se alguém tem tal atitude hostil mediante uma discordância de crenças não se pode denominar cristão. Concluída esta seção pode ser percebido que várias vezes a expressão “os judeus” refere-se a pessoas que se integraram ao grupo de Jesus, como também a outras que inicialmente negaram a messianidade e posteriormente a divindade de Jesus, combatendo seus seguidores, mas todos seriam religiosos.

### C.3. Grupo Político

É bem claro para Pagola (2011, p. 448) que havia uma relação muito estreita entre Judeus religiosos e políticos, principalmente na ligação entre Caifás e Pilatos na época da crucificação de Jesus. Ele diz que o clã *Ben Hanin* era a família mais poderosa e opulenta da aristocracia sacerdotal. Fundado por Anás, nomeado por Quirino como Sumo Sacerdote no ano 6 da ocupação romana. Ele deixa o cargo no ano 15, mas através da sua amizade com Valério Grato e Pôncio Pilatos conseguiu que grande parte de sua família e seu genro Caifás o sucedessem no poder até o ano 36. Esta influência ainda era sustentada em anos posteriores pelos Fariseus que compunham o Sinédrio.

Pagola (2011, p. 448-449) também comenta que em Jerusalém se concentrava um grupo religioso judeu, no tempo de Jesus, chamado Sinédrio, que associado a Roma possuía grande influência política. Para que seus atos não soassem como sacrilégio, no caso de discordâncias e vendo suas posições ameaçadas, por vezes, recorriam e se uniam aos poderosos governantes imperiais para que estes tomassem providências mais dramáticas. Por certo, já que o domínio do estado na época de Jesus e quando dos escritos Joaninos era Romano, não veremos casos explícitos de poder político judaico, mas fica claro nas subseqüentes análises a coalizão entre funcionários de

César e os *judeus*. Tais textos destacam essa parceria: Jo 5,15; 7,1; 7,11; 7,13; 11,54; 18,12; 18,14; 18,31; 18,36; 18,38; 19,7; 19,12; 19,21; 19,31; 19,38; 20,19.

Em Jo 18,12.14 Carson (2007, p. 581) destaca a relação da política romana com a religião judaica ao unirem seus guardas para a prisão de Jesus. Fazendo isto declaravam, não talvez amizade, mas uma simbiose. O termo “os judeus” é um tanto escorregadio em João, mas ao se aplicar às autoridades do sinédrio como Caifás, o sumo sacerdote em exercício e Anás, seu sogro, o sumo sacerdote anterior da nação, deposto no ano 15, vemos que alguma ligação política e influência com o governo romano eles possuíam.

Diz Pagola (2011, p. 483) que em Jo 20,19 Jesus estava sozinho, condenado pelas autoridades do Templo, o povo não o defendeu e os seus discípulos próximos fugiram com medo dos judeus que possuíam força política. Afinal o que eles poderiam sofrer se o seu mestre havia sido condenado?

Entendemos através de Pagola (2011, p. 451, 463) que apesar de o cargo de sumo sacerdote ter imenso peso político em Israel, nenhum judeu possuía um título de cunho formalmente político, mas muitas vezes suas atitudes foram políticas quando nos casos de condenações, sentenças, prisões e testemunhos diante do império, principalmente nas oposições contra os novos grupos cristãos. A decisão de eliminar Jesus veio de parte dos dirigentes religiosos judeus, mas este tipo de decisão tem de passar pelo governo imperial obviamente. Tal comportamento é bem visível no evangelho de João quando em Jo 19,12 da boca dos judeus veio a frase “Se soltas a este, não és amigo de César”.

Interessante que no evangelho de João não acompanhamos em nenhum dos textos selecionados, quando de atitudes judaicas com cunho político, questões positivas de defesa de direitos ou proteção da vida, mas sim de interesse de contínuo domínio, preservação de cargos ou prestígio. Será que este tipo de atitude que infelizmente vemos corriqueiramente em nossos dias são comportamentos de origem pré-moderna? O ser humano necessariamente tem de se deixar corromper pelo poder ou pode usar esse poder para fazer o bem aos que estão sob sua influência?

Os judeus que se uniram ao império para terem força política em matanças sem punição para seus atos não estavam defendendo a religião, mas sim suas posições e cargos de liderança. Então, não podemos pinçar episódios em João como o apedrejamento da mulher adúltera, a conspiração para assassinar Lázaro e os planos para descartar violentamente a Jesus como plano de defesa religiosa meramente.

A verdadeira religião produz vida e não morte. Produz união e não separação. Produz respeito e não menosprezo, perseguição ou “*bulling*”, se quisermos usar palavra mais atual. Hoje alguém é treinado para ser “homem-bomba” com um objetivo religioso por trás. Será que ele sabe tudo sobre os interesses territoriais e políticos de seus mestres?

Lideranças religiosas deveriam se intrometer em decisões políticas? No passado ocorreu assim e na história bíblica acompanhamos erros de todos os lados. Hoje é saudável essa troca? O que os políticos entendem de religião ou teologia? O que os teólogos ou religiosos entendem de relações políticas? Qual o limite entre opinar e impor? O fato aqui estudado acentua a crítica em cima daquilo que foi feito de negativo na história cristã. A expressão “os judeus” se tornou carregada de aspectos negativos na medida em que se aplica a alguns líderes religiosos corrompidos que se uniram a Roma para que as ameaças em suas posições fossem descartadas através da lei imperial.

#### D. “OS JUDEUS” COMO OPOSITORES

De acordo com o Mateos e Barreto (1989, p. 146-147) o termo “os judeus” designa aqueles que estão de acordo com o regime político-religioso existente e exercem nele qualquer espécie de autoridade. Nos textos que aparecem medidas repressivas “os judeus” podem ser os dirigentes ou as autoridades. Também há textos que colocam os sumos-sacerdotes e os fariseus que enviam guardas para prender Jesus como este grupo. São estes fariseus ou judeus que tem poder para expulsar da Sinagoga. Na cena perante Pilatos, os fariseus estão ausentes, mas os sumos sacerdotes estão presentes, então eles são identificados como “os judeus” nesse caso. Eles se opuseram a Jesus no templo e discutiram com ele em outras ocasiões no mesmo lugar. Dominavam pelo medo.

Ainda para Mateos e Barreto (1989, p. 148-149) os dirigentes judeus também são denunciados por Jesus como tendo o coração endurecido e demonstrando assim um caráter opressor nas instituições que eles chefiavam (10,8). A ambição deles corrompeu o templo e fez com que este lugar se tornasse uma casa de negócios. Sendo assim, como Jesus chama atenção deles quanto à exploração dos pobres ao venderem animais e objetos para sacrifícios e ofertas, obviamente há um embate nesse sentido.

Continuando Mateos e Barreto (1989, p. 148-149) relatam que sobre a imagem de ter por “pai o inimigo” (8,44), Jesus os acusa de praticarem a mentira, assassinato, abuso e opressão e os qualifica de ladrões e bandidos, ou seja, exploradores e opressores pela violência. Tal sentença não os deixaria inertes, mas os tornaria um grupo de perseguidores.

Ainda Mateos e Barreto (1989, p. 150) dizem que um motivo particular de escândalo para os judeus é o fato de Jesus “fazer-se” Deus (10, 33). Isso não cabe na mente local e traz atritos acirrados. Também na ocasião da morte de Lázaro alguns *judeus* vão consolar Marta e Maria (11,19.31.33.36), entretanto, alguns destes delatam o fato aos fariseus diante da Ressurreição que Jesus pratica e assim põe em movimento novamente o círculo dos dirigentes opositores(11,46).

Para Mateos e Barreto (1989, p.151) o grupo fariseu é o mais vigilante contra qualquer movimento de Jesus que pudesse alterar a rotina. Por isso, Jesus vai para a Galiléia saindo da Judéia para que eles não interviessem em seus ensinamentos e projetos. Eles vigiam as massas, suas reações e incitam os sumos sacerdotes a tomarem medidas contra Jesus (7,32). Também repreendem os guardas por não terem efetuado a detenção de Jesus. E quando da notícia da cura do cego eles mesmos investigam o acontecido e o expulsam da Sinagoga abrindo precedentes (9,13.15.16; 11,34). Por fim, aparecem em João 18,3 como que agrupados com sacerdotes unindo forças com Judas para prenderem Jesus.

Os sumos sacerdotes de acordo com Mateos e Barreto (1989, p. 153-154) também incluídos dentre o grupo chamado de “os judeus” aparecem na maioria das vezes instigados pelos fariseus sem pronunciarem muitas palavras, mas agindo contra o Messias. Mais declaradamente a partir de João 12,10 eles tomam a iniciativa de perseguir Jesus. Também negam a Jesus o título de Rei dos Judeus (19,21), falando assim, arbitrariamente, por todo o povo.

Há ainda para Mateos e Barreto (1989, p. 153-154) o grupo de Guardas e servos subordinados aos sumos-sacerdotes e fariseus que expressam a atitude de todos no interrogatório de Jesus, quando ele é esbofeteado por um deles, demonstrando cumplicidade com seus superiores. Eles também podem ser enquadrados no grupo de judeus perseguidores. Em João 19,6 unem as vozes com seus patrões a fim de pedirem a morte de Jesus.

Gilvan Silva (2007, p. 3) diz que para os eruditos protestantes do início do séc. XX houve uma cisão permanente entre judaísmo e cristianismo em algum tempo entre a Guerra da Judéia (66-73) e a revolta de *Bar Kochba* (135). Por volta dos anos 90, sob a liderança dos rabinos, os judeus teriam optado viver em isolamento para proteger seu patrimônio étnico-religioso de qualquer interferência, o que eclodiu vários conflitos com cristãos e gentios.

Elaine Pagels (1996, p.141-149) diz que a intenção do autor ao usar o termo *judeu* era associar a figura mitológica de satanás a uma posição humana específica implicando o primeiro em Judas Iscariotes e a seguir as autoridades judaicas. Desde o início a uma contraposição no QE quanto a luz e trevas, ou melhor, filhos da luz e os filhos das trevas.

Pagels (1996, p.141-149) orienta que os fatos descritos no QE servem para julgar e condenar aqueles que participam da morte de Jesus. As várias descrições sobre o diabo se relacionam com a história social de Satanás, ou seja, a história do crescente conflito entre grupos que seguem Jesus e seus opositores. Ao apresentar a vida e a mensagem de Jesus nesses termos polêmicos pretendiam fortalecer a solidariedade do grupo que era peculiar na comunidade joanina.

Nos Capítulos 7 e 8 do evangelho de João, Ferrando (1999, p. 255-267) lembra que encontramos uma evidência bem negativa quanto ao sentimento dos protagonistas quanto *aos judeus*. Vemos ali a frase “medo dos judeus”, que foi comumente usada nos episódios da cura do homem cego, também na festa das tendas quando Jesus não falou abertamente por “medo dos judeus” e mais tarde após a morte de Jesus patriotas importantes, como José de Arimatéia, auxilia o funeral secretamente por “medo dos judeus”.

Ainda Ferrando (1999, p. 255-267) diz que após a ressurreição de Jesus os discípulos se encontravam em lugar fechado por “medo dos judeus” (Jo 20,19). Ninguém tem medo de algo que não traz ameaça, mas sim de algo ou alguém que pode até mesmo matar. Aqui estes judeus com intenções assassinas incluem os fariseus, sumos sacerdotes e alguns escribas.

Ferrando (1999, p. 255-267) acrescenta que mais ameaçadores ainda o evangelho explícita “os judeus”, quando além de colocarem medo nas pessoas, eles intentavam matar Jesus (5,18 ; 7,1). O próprio Jesus os teria censurado dizendo que não cumpriam a lei porque estavam tentando matá-lo e isso certamente era contra a lei de Deus. Tal declaração os deixa muito irados, tanto, ao ponto de que suas intenções não eram mais secretas, pois as pessoas do povo já sabiam delas (7,25). Quando no Capítulo 8 Jesus discute com *os judeus* sobre a descendência abraâmica e os repreende por não terem atitudes como Abraão, pois tentavam matá-lo o tom da controvérsia se acentua até atingir os limites da lesão. Chegaram a pegar em pedras para executar em seus planos (8,59). Repetindo a ação em Jo 10,31.

Nos Capítulos 11 e 12 Ferrando (1999, p. 255-267) esclarece que dentro da história da ressurreição de Lázaro, *os judeus* aparecem como os sumos sacerdotes. Eles sentiram suas posições de autoridade eclesiástica ameaçadas mediante um milagre quase inegável, pois testemunhas sentiram o cheiro da

carne apodrecida do defunto e acompanharam sua volta ao ambiente dos vivos. Tal poder de Jesus o aclamaria como superior, mesmo sem um diploma rabínico. Quando do julgamento de Jesus no capítulo 18, os sacerdotes e fariseus enviam seus guardas para capturar Jesus, ali há um diálogo entre Pilatos e Jesus sobre quem seriam os *judeus*, pois, o governador acha estranho o próprio povo de Jesus o entregar. Então, o mestre explica que realmente a maioria não está com ele e impacientes os sumos sacerdotes e os guardas gritam: “crucifica-o”.

John Ashton (2000, p. 137) questiona qual seria o motivo de tanta hostilidade para com *judeus*. Ele responde que existe uma natureza especificamente *religiosa* no antagonismo entre Jesus e os judeus no QE. Para ele a finalidade essencial dos *judeus* neste Evangelho é representar a dureza de coração e a incompreensão humana diante da revelação de Jesus. Observa-se em Ashton aqui uma postura profundamente anti-semita e proselitista que deve ser descartada por não representar uma leitura correta do texto e realizar uma interpretação generalizante a partir do que foi a atitude de somente um pequeno grupo das autoridades judaicas.

K. Wengst (1988, p. 31-39) declara a posição do evangelho de João quanto a messianidade de Jesus no momento em que o QE é o único que transcreve o nome *Messias* (1,41 ; 4,25). Já os sinóticos se acostumam a usar o nome *Christós*. Ele também identifica Jesus com figuras pronunciadas do Antigo Testamento: o servo de Javé (1,29.34), o cordeiro de Deus (1,29), o rei de Israel (1,49), o santo de Deus (6,69). O primeiro bloco do livro apresenta Jesus diante das instituições de Israel: a expiação, o templo, o culto (2-4), as festas (sábado, Páscoa, Tabernáculos, Dedicção (5-10)). Toda essa ênfase parece justificar uma reação diante da descrença dos *judeus*.

Brown (1999, p. 42-45) também menciona uma insistente disputa que gera polêmica quando o evangelho de João distingue “os judeus” de “Israel”. Por exemplo, Israel é o que representa a continuidade do Antigo Testamento no Novo Testamento e não os judeus (1,31). Jesus se revela a Israel: Natanael ao aceitar de pronto a Jesus, não é chamado de *judeu*, mas um autêntico *israelita* (1,47). Assim se entendermos a profundidade da luta entre o grupo denominado de os *judeus* e a comunidade joanina compreenderemos as nuances antagônicas da cristologia joanina.

Ainda Brown (1999, p. 49) diz que as perseguições originárias dos conflitos com “os judeus” impulsionaram a comunidade joanina a fortificar a compreensão teológica da pessoa de Jesus. E especialmente depois da separação das sinagogas, a comunidade foi pressionada e se tornou mais intransigente na afirmação da condição divina de Jesus. Essa intransigência, no entanto, significava o repúdio a qualquer apelo à violência como solução para debates doutrinários ou religiosos. Seu hino comunitário era “o verbo era Deus” (1,1), e sua confissão de fé era Jesus como “meu Senhor e meu Deus” (20,28).

Tal teologia para Brown (1999, p. 49) pôde trazer tranquilidade em face de perseguição e expulsão por parte dos judeus. O Jesus joanino prometeu: “quem vive e crê em mim jamais morrerá” (11,26). Assim os cristãos joaninos se sentem unidos e seguros, confiantes no evangelho que dizia “não se turbe e nem se intimide o vosso coração” (14,27), pois compartilhavam a mesma visão de Jesus (15,11).

Gregory Baum (1965,p. 123; 148) diz que a hostilidade para com os *judeus* não tinha um viés cristológico, mas escatológico. O autor de João afirma que as promessas feitas já se cumpriram em Jesus, que a graça da salvação está no presente e não no futuro. Essa perspectiva histórica obriga o evangelista a adotar uma atitude de serenidade diante das perseguições e até da expulsão. O julgamento do mundo começa na pessoa de Jesus. Os que não crêem em Jesus não receberão a vida e a cólera de Deus pesa sobre eles (3,36).

Para Brown (1999, p. 68-69) a escrita do evangelho de João aconteceu em algum tempo depois da expulsão das sinagogas, mas, se os cristãos joaninos ainda eram perseguidos e condenados à morte pelos judeus era porque ainda viviam em lugares que havia sinagogas. Estavam agora, se aproximando dos gentios.

Brown (1999, p. 69) concorda que sempre as referências a sumosacerdotes e escribas nos evangelhos mostram hostilidades. João então assume que as autoridades das Sinagogas seguiram a liderança de Jâmnia levando a expulsão dos dissidentes.

Ainda lembra Brown (1999, p. 70-71) que a disputa central que traz o evangelho foca na divindade de Jesus. O fato da Comunidade joanina querer ensinar judeus tradicionais sobre que não é possível chegar à fé sem que lhe seja concedido por Deus, sendo que Jesus era Deus e assim crer nele era necessário; isso trazia muitas dificuldades relacionais. Mesmo porque alguns que frequentavam as sinagogas eram tidos como “criptocristãos”. Criam em Jesus, mas, não o confessavam abertamente por medo de perderem o lugar nas Sinagogas.

Na cristandade joanina diz Brown (1999, p. 70-71) houve diversas situações entre os judeus que criam em Jesus e os que não criam, mas todas essas relações se tornaram cada vez mais hostis. Tragicamente nos últimos séculos do nosso tempo a situação de João 16,2 foi invertida e os cristãos matavam os judeus pensando que assim estarem fazendo algo desejado por Deus.

Em Jo 16,2, Brown (1999, p. 44) mostra que o tempo é futuro, mas a verdade é que este era o contexto vivido pelas comunidades joaninas durante as redações finais de seu evangelho. Pouco antes, ou logo depois da expulsão dos seguidores de Jesus das sinagogas, alguns judeus legalistas, e também algumas autoridades imperiais estavam matando ou iriam matar os cristãos como um serviço prestado a Deus. Alguns fatos neste sentido já haviam acontecido. Viu-se, isso na morte de Estêvão (At 7,58-60) e de Tiago, filho de Zebedeu (At 12,2-3). A morte de Tiago agradou a alguns grupos judeus. Sabemos que no século II a “morte” de cristãos infligida por parte das autoridades judaicas era, na maior parte das vezes, não uma ação direta, mas através de uma denúncia aos romanos.

Diz Beutler (2015, p. 374) que Jesus não mencionou a vinda da perseguição e morte (Jo16,2) para causar espanto ou desistência do grupo, porém mencionou tal possibilidade para que quando ocorresse seus discípulos lembrassem (Jo 2,22) da previsão e estivessem firmes no propósito de continuarem a defender os ensinamentos de Jesus. A escrita em forma de previsão serve também para fazer crer que apesar de tudo Jesus continua no controle da história.

Na seção de Jo 15,18-16,4 Beutler (2015, p. 375) lembra que há uma forma odiosa nas palavras que se referem aos judeus. Entendendo o contexto onde foi escrito, o leitor poderá deduzir que os cristãos joaninos estavam, tristes, magoados, afastados das sinagogas e talvez de seus familiares, portanto, o teor direto e indireto dessas linhas conta um pouco do quadro emocional que eles estavam vivenciando. Quando Jesus em Jo 15 enfatiza a metáfora de que Ele seria a videira e os seus seguidores os ramos estava convidando a permanência na fé. O verbo “permanecer” é repetido ali várias vezes. Possivelmente Ele os estava preparando para ocasiões como os martírios (no caso da maioria dos 11 discípulos) e também décadas mais tarde como no caso das comunidades joaninas.

Hendriksen (2004, p. 439) destaca que os seguidores de Jesus seriam expulsos da vida religiosa e social de Israel. Também destituídos de todas as esperanças e prerrogativas dos judeus. Vistos por seus antigos amigos como piores que os pagãos. Desempregados, afastados da família e até mesmo um sepultamento honroso lhes seria negado. Havia aprendido como povo desde a infância que havia um só Deus, mas agora no conflito com autoridades judaicas a comunidade joanina vai consolidando sua cristologia e afirmando que Jesus era o próprio Deus. Essa confissão da fé joanina soa como uma blasfêmia para os judeus mais tradicionais e, para eles, devia ser punida de morte.

Carson (2007, p. 376) diz que o maior perigo que os discípulos enfrentaram com oposições não era a morte, mas a apostasia. Muitos desistiram por causa do medo. Perderam a fé. Em algum momento, talvez, podem ter saído do grupo de perseguidos para o de perseguidores. Um dos radicalismos mais perigosos é o religioso. Jesus havia avisado sobre isso.

Beutler (2015, p. 229-230) entende que pode ocorrer uma instigação errada por parte de alguns que lêem o evangelho de João criando um sentimento de vingança quanto aos judeus que maltrataram Jesus e seus adeptos. Afinal, estamos acompanhando que o grupo denominado de “os judeus” no evangelho de João, em alguns momentos foi cruel com os que abandonavam a tradição ou absorviam novos ideais.

Ao longo dos séculos diz Beutler (2015, p. 229-230) houve marginalização e finalmente a aniquilação dos judeus nos campos do nazismo. O autor não concorda que o cristianismo seja a razão do anti-judaísmo nos países cristãos, mas também não nega que esse anti-judaísmo cristão tenha influenciado o ódio aos judeus no século XX.

Konings deixa bem claro quem é o grupo identificado como “os judeus”(2005, p. 44):

Focalizando o Quarto Evangelho mais de perto, percebemos que “os judeus” no sentido adversativo são um grupo que tem peso político e social e até certo poder de decisão. Embora situados principalmente em Jerusalém (Jo 1,19 etc.), encontram-se também na Galiléia como opositores de Jesus (Jo 6,41.52). São aqueles que não aderiram a Jesus, nem quando da vida dele, nem, sobretudo, no tempo da pregação apostólica. São judeus conscientes, avessos aos que reconheciam Jesus como Messias e lhe davam o título de “Filho de Deus”. Ora, não se esqueça de que, étnica e culturalmente, muitos cristãos — também nas comunidades joaninas — eram judeus! “Os judeus” são, portanto, irmãos dos cristãos, com a diferença de não aceitarem a messianidade e missão divina de Jesus.

Ao usar o termo “os judeus” no sentido negativo, ou mostrando hostilidade, diz Konings (2005, p. 44-45), o QE aponta para o grupo dominante tanto no tempo de Jesus quanto no tempo das comunidades joaninas. Coloca na mesma caixa o ambiente dos anos 30 e 90. Essa fundição de dois períodos em um só, trouxe, em muitas mentes modernas a dedução de que o QE é anti-judaico. Mas tal acusação seria um anacronismo, pois o autor sabia destes períodos diferenciados, mas não encontrou termos diferentes para expressar dois momentos distintos da história.

O evangelista não visava os judeus do tempo histórico de Jesus, mas do tempo final do primeiro século e do ambiente na comunidade joanina. O Jesus joanino funde-se com Jesus histórico. Sendo assim, a tradução de *os judeus* não é geral, mas específica aos responsáveis pela ortodoxia judaica tanto no tempo de Jesus como no tempo da escrita do quarto evangelho. Poderíamos traduzir *os judeus* por autoridades judaicas. Mesmo assim não devemos imaginar que entre estas não houvesse dissensões. Certamente também nem todas as autoridade judaicas desejaram a morte de Jesus e nem todas estavam envolvidas nas perseguições aos membros das comunidades joaninas no final do primeiro século e início do segundo.

Portanto, a expressão “os judeus” refere-se aquele grupo de autoridades judaicas que se esforçou para erradicar o movimento de Jesus e de seus seguidores.

A linguagem joanina é mais polêmica intra-judaica do que anti-judaica. Pode ter ocorrido uma preocupação em alertar seus irmãos de comunidade quanto ao perigo de aceitar Jesus como Messias, Filho de Deus, Salvador e Deus. Por isso o tom hostil e ameaçador nos diálogos e controvérsias para expressar uma tragédia que não deveria acontecer. Para a comunidade Joanina, viver sob o domínio do legalismo e do ritualismo excludor era estar nas trevas, ser cego, estar morto.

Então “os judeus” seriam na época pós-cruz de Jesus, uma minoria que estavam nas coligações político-religiosas. Líderes judeus associados aos governantes romanos. Seus objetivos, denunciados pela comunidade joanina, eram manter-se nos cargos privilegiados, mesmo que para isso precisassem matar ou encomendar mortes, sob a alegação de que tais assassinatos protegeriam a religião, ou seja, tinham o aval do céu para acontecerem. Logo o QE deveria anunciar estes perigos para proteger pessoas e o discipulado.

Contudo, Ashton (1985, p. 75) acrescenta que embora o significado do termo “*Ioudaioi*” no Evangelho, apareça com uma função alegórica e simbólica, ele levanta a possibilidade de que nenhuma das identificações sugeridas anteriormente tenha conseguido atingir a marca realmente pensada pelo autor da época.

Talvez por causa dessas desavenças e discordâncias na cabeça moderna foram admitidas e executadas perseguições ditas justas em cima da etnia Judaica. Assim a questão se inverteu: era o poder político intervindo numa casta religiosa por “vingança” acumulada. Há licença para isso nos direitos humanos? Não. Não há como apagar o que ocorreu nos séculos passados, porém há como não escrevermos os mesmos garranchos agora. Olhando para o passado sangrento e dominador poderemos refletir e viver como Jesus gostaria que seus discípulos de todos os tempos atuassem.

Apesar de ser excluído por muitos, Jesus nunca excluiu ninguém da salvação eterna. Nem mesmo esses que o hostilizaram. Ele queria que todos buscassem o seu exemplo e seu caráter puro, santo e tolerante. Com paciência ele trabalhou com as personalidades conturbadas dos discípulos do passado e trabalha hoje também. Se absorvemos e defendemos o título de “cristãos” independente do que os “judeus” fizeram, o princípio do amor defendido por Jesus e as comunidades do discípulo amado deve imperar.

A vida espiritual é importante, mas para que ela seja adoração a Deus “em Espírito e Verdade” (Jo 4) é imprescindível comprometer-se também com as lutas contra as injustiças e desigualdades sociais. Esquecendo-se da luta pelos direitos dos pobres e da luta por justiça social, esquece-se do evangelho, esquece-se de Jesus. Cai-se nos desvios do espiritualismo, do ritualismo, doutrinário e do legalismo tão combatidos por Ele.

Não precisamos entrar em questões de ecumenismo, mas de respeito. Respeito às diferenças culturais, raciais e religiosas caminhando para um social mais igualitário. Se usarmos as forças políticas para o bem comum talvez os que estão em cima percebam que existem coisas que satisfazem mais que dinheiro e poder. Nós que hoje não temos tanta influência política quando outrora tivemos, cometeremos os mesmos erros ou seremos melhores? Pensemos nisso.

### 3. ANÁLISE DA EXPRESSÃO “O MUNDO”

No evangelho de João, muitas metáforas quanto à pessoa de Jesus aparecem para ilustrar lições de salvação. Ali Ele é videira, água da vida, o bom pastor, luz do mundo, etc. Mas uma expressão que não se refere a Ele e sim para fora dEle é “o mundo”. Possuindo vários sentidos e querendo desvendar sua utilidade no texto e prática iremos analisá-la em seguida, pois, se lermos a expressão “o mundo” fora do seu contexto real talvez isso nos leve a uma negação das realidades materiais e políticas da vida humana e das práticas eclesiais e pastorais. Interpretações sem considerações históricas com relação “ao mundo” trazem consigo sérios desdobramentos na história do cristianismo.

Ao longo do tempo tal compreensão possibilitou que setores cristãos tomassem assento junto a imperadores e dominadores colonialistas e escravistas e deram legitimação e justificativas para práticas de dominação, como as cruzadas, inquisição e outras. Hoje, uma interpretação no mínimo ingênua da expressão “o mundo” está na origem da indiferença de grande parte das igrejas e de seus membros frente às desigualdades, injustiças sociais e agressões de todos os tipos.

No QE, a expressão “o mundo” designa, na maioria das vezes, se tratar do “lugar” que está em embate com os propósitos de Deus. Com o plano de viver fielmente, a comunidade Joanina se opõe a tudo aquilo que vem da realidade do mundo. “O mundo”, inimigo de Jesus e da comunidade do discípulo amado, é uma realidade do tempo das redações finais do evangelho de João.

Às vezes é identificado com os “judeus”, mas é muito mais amplo, que isso. Também por vezes aqueles que rejeitam a luz, ou seja, rejeitam o próprio Jesus. Para a comunidade Joanina há uma separação entre Jesus e o que eles denominam de “mundo”: “meu reino não é deste mundo” (Jo18,36). Certamente com isto a comunidade quer mostrar a separação entre a Paz trazida por Jesus (Jo 14,27) e a *Pax Romana*, imposta pelo império aos povos por ele dominados.

A comunidade critica o império romano não somente por sua dominação sobre a Judéia e a Galiléia, mas também porque autoridades do império também perseguiram e condenavam membro da comunidade joanina à morte.

Assim para uma compreensão bem saudável e ampliada, neste capítulo com base em dicionários, comentários e autores especialistas no evangelho de João iremos analisar variáveis gramaticais, semânticas, grupos que compuseram “o mundo” e finalmente aqueles que dentre estes foram os mais contrários aos ensinamentos teológicos defendidos pelas comunidades joaninas.

### A. VARIÁVIES GRAMATICAIS

Alguns dicionários mostram que a palavra “mundo” em nossas traduções correspondem no grego a três grafias diferenciadas:

Coenen e Brown (2000, p. 122) explicam a grafia abaixo:

1. KOSMOS (Κοσμος): (a) primariamente “ordem, arranjo, ornamento, adorno” (1 Pe. 3,3). Usada para denotar a “terra”, planeta ou universo (Mt 13,35; Jo 21,25; At 17,24; Rm 1,20); (b) a “terra” em contraste com o céu (1 Jo 3,17; Rm 4,13); (c) por metonímia, o “gênero humano”, a “humanidade” (Mt 5,14; Jo 1,10; 3,16-17; Jo 3,19; 4,42); em João 1,9, “que vem ao mundo” é dito de Jesus e não de “todo homem”; com a Sua vinda ao mundo Ele era a luz de todos os homens; (d) os “gentios” em distinção dos judeus (Rm 11,12.15 onde o significado é que todos que podem ser reconciliados: cf. 2 Co 5,19); (e) a “atual condição dos assuntos humanos”, em alienação e oposição a Deus (Jo 7,7; 8,23; 14,30; 1 Co 2,12; Gl 4,3; 6,14; Cl 2,8; Tg 1,27; 1 Jo 4,5; 1 Jo 5, 19).

Coenen e Brown (2000, p. 367) também mostram a grafia abaixo:

2. AION (αιον): “era, idade, período de tempo”, marcado no uso do Novo Testamento por características morais ou espirituais, às vezes, é traduzido por “mundo”. Os textos a seguir são detalhes relativos ao mundo neste aspecto: seus cuidados (Mt 13,22); seus filhos (Lc 16,8; 20,34); suas regras (1 Co 2,6.8); sua sabedoria (1 Co 1,20; 2,6; 3,18); sua moda (Rm 12,2); seu caráter (Gl 1,4); seu deus (2 Co 4,4).

A frase “o fim do mundo” deveria ser traduzida por “o fim da era” na maioria dos lugares a palavra indica tudo o que os períodos sucessivos contêm (cf. Hb 1,2).

Louw e Nida (2013, p. 11) encontram a seguinte grafia:

3. OIKOUMENE (οικουμενε): “a terra habitada”. É usado para (a) todo o mundo habitado (Mt 24,14; Lc 4,5; 21,26; Rm 10,18; Hb 1,6; Ap 3,10; 16,14); (b) por metonímia aos seus habitantes (At 17,31; Ap 12,9); (c) o Império Romano, o mundo conforme era visto pelo escritor ou falante (Lc 2,1; At 11,28; 24,5); (d) o mundo habitado numa era próxima (Hb 2,5).

No entanto, nos deteremos apenas na análise de KOSMOS, pois como vimos, no evangelho de João especificamente, somente ela aparece e não as demais grafias.

De acordo com o classificador “Bible Works” dos 58 versos que aparece a palavra “Mundo” – **Kosmos** (κοσμος) é a grafia comum (Bible Works, 1995). Logo, como outras escritas aparecem somente em livros bíblicos que não fazem parte dessa pesquisa; então nos concentraremos nesta para a seguir analisarmos os significados diferenciados.

## B. OCORRÊNCIAS

Na Bíblia GNT (Greek New Testament - NESTLE-ALAND , 1993), no evangelho de João, encontramos 58 versos com a expressão “o mundo” e 78 ocorrências dela em seu conteúdo. A seguir veremos os sentidos diferenciados da expressão “o mundo” apresentados por comentaristas e historiadores, assim teremos uma compreensão melhor dos grupos que constituíam e sua influência na história evangélica.

## C. VARIÁVEIS SEMÂNTICAS

De acordo com Mateos e Barreto (1989, p. 201), as variáveis semânticas mais comuns encontradas para a expressão “o mundo” no livro de João denotam o planeta ou o universo. Também por vezes as pessoas de maneira

geral; pessoas que querem a salvação e por fim a humanidade inimiga de Deus ou aqueles que rejeitam os ensinamentos de Jesus. Há uma conotação negativa, positiva ou neutra, quanto às ações deles perante Jesus e suas exposições, ou seja, um público contrário e outro a favor.

Também Louw e Nida (2013, p. 3, 11 e 97) concordam que a palavra **Kosmos** (κοσμος), que forma parte na expressão que estamos pesquisando, aparece basicamente no evangelho de João com os sentidos de universo, habitat humano ou planeta e pessoas afastadas de Deus. Há também outros significados ao longo da Bíblia, mas que não são comuns no QE. Logo, para nós serão descartados. Vejamos os mais usuais na sequência.

### C.1. Planeta

Grande parte dos textos que “o mundo” aparece não tem conotação negativa. Apenas demonstram o lugar onde Deus aplicou seu plano de salvação. Mostram simplesmente o favor divino perante a devastação do pecado e seu efeito no lar que um dia foi o início da criação em prol do homem.

A luz do mundo, diz Beutler (2015, p. 54) que não vem somente aos iluminados, mas ilumina a todos, pois todos foram criados pela Luz. Tal afirmação espera uma resposta positiva de aceitação da Luz. Mas apesar deste universalismo na salvação expressa pelo QE inicialmente, as negações e rejeições irão aparecer no decorrer do livro. Por enquanto fiquemos com os versos que classificam o significado de “o mundo” como planeta ou nossa habitação: João 1,9-10; 1,29; 3,19; 6,14; 8,12; 8,23; 9,5; 9,32; 9,39; 10,36; 11,9; 11,27; 12,25; 13,1; 16,21; 16,28; 16,33; 17,5; 17,9; 17,11; 17,13; 17,15; 17,16; 17,24; 18,36; 21,25.

### C.2. Pessoas em Geral

A intenção divina certamente era atingir a todos com suas bênçãos. Ele não faz acepção de pessoas (Atos 10,34). Portanto, quando o Pai envia o Filho, diz Pagola (2013, p. 12) como um dom, um presente a este “mundo”, obviamente estava esperando a recepção de pessoas e não de seres inanimados ou sem consciência. Por isso acompanhamos os seguintes textos

que aparecem esta intenção e sentido da expressão “o mundo” como pessoas em geral: João 1,29; 3,16; 3,17; 4,42; 6,33; 6,51; 7,4; 8,26; 12,31; 12,47; 14,31; 16,8; 17,18; 17,21;17,23; 18,20; 18,37.

### C.3. Pessoas que creram em Jesus

Há relatos de ricos (Nicodemos), pobres (Bartimeu), ladrões (Mateus), prostitutas (Maria Madalena), líderes religiosos (Jairo), mulheres (Joana), homens (Pedro) e jovens (João) que aceitaram a Jesus e sua mensagem. Não temos como negar, olhando as redações, tal fato. Konings (2005, p. 308) comenta:

Jesus manifestou a presença de Deus às pessoas que este lhe deu, pois em Jesus puderam ver Deus (cf. Jo 1,18; 14,9). Pertenciam a Deus, e Deus as deu a Jesus, e elas guardaram a palavra de Deus,...quando Jesus alcança o termo de sua missão, reconhecem a origem divina dessa missão.

Portanto, existem textos que sugerem “o mundo” como pessoas que creram em Jesus. São eles: João 12,19; 12,46; 17,6.

### C.4. Pessoas que duvidaram de Jesus

Uma das principais distinções entre seres humanos e animais é a livre escolha. O exercício mental da vontade em contrapartida com a repetição do instinto, mostra no homem que ele tem liberdade até para duvidar de seu criador.

Carson (2007, p. 525) explica que o fato mais distanciador de Jesus e algumas pessoas era sua pureza. Ele não realizava milagres, palestras e ensinamentos por fama, status ou dinheiro. Diferente de alguns líderes e membros da religião judaica o fazia simplesmente por ser sua missão de amor. Logo, ao se compararem com Ele, naturalmente sentiam-se hipócritas e egoístas. Isso trazia ira e afastamento. Será que era este o Messias que deveriam esperar?

Hendriksen (2004, p. 707) demonstra que o sistema que se opõe aos discípulos, seus trabalhos evangelísticos e a mensagem de Jesus seriam os críticos, duvidosos e perseguidores. Aqui “o mundo” destaca estas pessoas e os versos que aparecem com tal classificação são estes:

João 1,10; 7,7; 14,17; 14,19; 14,22; 14,27; 14,30; 15,18; 15,19; 16,11; 16,20; 16,33; 17,9; 17,14; 17,16; 17,25.

#### D. "O MUNDO" COMO OPOSITORES

Como opositores a Jesus, Mateos e Barreto (1989, p. 201-202) destacam, fazendo uma leitura espiritual e politicamente genérica, *Kosmos* ou "o mundo" como "o chefe do mundo", dizendo que ele é a personificação do Círculo de poder que rege o mundo, ou uma parte da ordem sociopolítica injusta onde se enquadram os homens. Este mundo ou ordem injusta tem duplo aspecto. Primeiro de forma dinâmica enquanto sujeito que odeia e persegue, inclui o círculo de poder onde estão os dirigentes judeus. O segundo aspecto é estático e quer dizer o âmbito social submetido ao poder do mundo, composto por homens que lhe dão adesão. Correspondem as coisas que são "aqui de baixo" por oposição as que são "lá de cima", ou seja, é o âmbito das trevas.

Mateos e Barreto (1989, p. 203) também classificam o mundo como opositor, todos que rejeitam o projeto criador de Deus aceitando a ideologia que oculta os falsos valores do sistema de violência e morte personificado no "chefe do mundo" em que o princípio inspirador é o "inimigo", o poder do dinheiro. Para eles o mundo é a violência institucionalizada. Assim aparecem a perseguição e o propósito de matar Jesus. Tentativas de apedrejar, julgamento injusto, delação e prisão. Faz parte da mesma linha de pensamento o desprezo que sentem os fariseus pela multidão, o decreto de expulsão das sinagogas para os que reconheciam Jesus como Messias.

Para Mateos e Barreto (1989, p. 203) denotação universal do termo "o mundo" ultrapassa o sistema judaico que se apresenta como exemplo dos sistemas de injustiça. No evangelho o conceito de mundo não é racial, mas social. Quando as pessoas se tornam inimigas constituindo ou admitindo um sistema opressor baseado no poder do dinheiro. Sendo assim, como Jesus e os seus não fazem parte desta ordem comum das coisas, não usa de violência, homicídio e pertence aquilo que é "de cima" é natural um embate com esse tipo de sociedade. Ele não se opõe ao direito, mas se opõe ao "chefe desse mundo".

Interessante considerado por Mateos e Barreto (1989, p. 203-204) é que a mesma menção de “o chefe do mundo” encontra-se no contexto sócio-político da aclamação Messiânica, no discurso da ceia, quando Jesus enfrenta Judas, que age como representante de todos os poderes (18,3). O mesmo ensino que Jesus dá aos seus sobre a missão ocorre quando menciona o “chefe desta ordem” personificando os sistemas de poder que irão perseguir os discípulos (16,11).

Tal sistema de perseguição para Mateos e Barreto (1989, p. 204) espionaria a mensagem de Jesus e levaria muitos fiéis à morte pensando assim dar culto a Deus (16,2), mas em meio a toda essa situação difícil o Espírito Santo daria segurança (16,7-11) e confirmaria as verdades no coração dos crentes. Já que parece que nem Deus pode mudar uma situação que a sociedade não deseja, ele não roga pelo *mundo* (17,9) seu inimigo, mas vem denunciá-lo (8,26) e abrir um processo (9,39) que terminará na sentença dele (12,13) e de seu chefe (16,11).

Brown (1999, p. 65) identifica como o verso mais conhecido do evangelho de João aquele que diz que “Deus amou tanto o *mundo* que deu seu filho” (3,16), deixando a impressão de que existe uma atitude favorável do QE em relação ao *mundo* sempre. Porém, o termo “mundo” torna-se mais usado no quarto evangelho para significar aqueles que rejeitam a luz. Sabendo que os que aceitam a luz, na maior parte já estão dentro da comunidade joanina, do lado negativo então, o opositor, com relação à significância do termo “o mundo”, vemos que a vinda de Jesus é um julgamento do *mundo*, porque o *mundo* é incompatível com Jesus e o Santo Espírito. Resumindo, “o mundo” odeia Jesus e os que nele crêem. Portanto, Jesus se recusa a orar pelo *mundo* e ainda vence o *mundo* e também expulsa o príncipe deste *mundo*.

Ainda Brown (1999, p. 66) diz que podemos ver ao longo da pesquisa uma identidade virtual em João entre “o mundo” e “os judeus”. Várias vezes Jesus tem atitudes semelhantes com ambos. Explicando melhor: o príncipe deste *mundo* é Satanás e o pai de um grupo de *judeus* é o diabo (Jo 8,44). Outrora se diz que o *mundo* odeia Jesus e os *judeus* procuram matá-lo. Mesmo assim o *mundo* tem um conceito mais amplo.

Parece haver para Brown (1999, p. 66) uma cronologia nas relações vistas no esboço do Evangelho. Encontramos a oposição aos *judeus* dos capítulos 5 a 12, enquanto a oposição ao *mundo* abrangendo os capítulos 14 a 17. Provavelmente após a expulsão da Sinagoga a comunidade Joanina abriu-se para a admissão em massa de rejeitados e gentios. A sequência de mudança de oposição dos *judeus* para o *mundo* pode significar que os cristãos joaninos estariam enfrentando conflitos com os gentios como antes tinham enfrentado dos *judeus*.

Diz Brown (1999, p. 66-67) que quando Jesus esclarece que a pátria da Comunidade joanina é o céu, ele está lembrando-se da rejeição que sofreu por parte dos *judeus* que o condenaram a morte e também por parte do *mundo* que não o recebeu. Por isso, diz que “na casa de Seu pai haveriam muitas moradas” porque assim como ele sendo mestre não se sente parte deste mundo, possivelmente ou obrigatoriamente os verdadeiramente seus não deveriam se sentir parte deste mundo. Assim, ao longo do tempo essas rejeições tornaram a comunidade joanina estranha no mundo.

Na época em que o evangelho foi escrito, diz Brown (1999, p. 67) na Ásia menor, a comunidade joanina tinha tido bastante contato com os não-judeus e sabiam que muitos deles não estavam dispostos a aceitar Jesus. Assim parecia conveniente que os termos *judeus* e o *mundo* abrangessem toda essa oposição.

Brown (1999, p. 68) comenta que existiram dois aspectos na alienação da comunidade joanina com relação a um *mundo* hostil. Primeiro os cristãos introvertidos ficaram confortáveis deixando os estranhos entregues aos seus próprios recursos no caso de não serem atraídos para verdade cristã. Segundo ponto é que tais termos entristecem os cristãos que tinham consciência de uma missão em relação ao mundo todo, ou seja, o evangelismo em si.

Contudo Brown (1999, p. 68) salienta que o quarto Evangelho é uma advertência contra a ingenuidade. O mundo não é um terreno à espera de ser semeado com Evangelho e também não é um terreno inútil. Mas é um terreno neutro. Há com certeza um príncipe deste mundo ativo e hostil, mas há possibilidades do poder do amor ser mais forte.

Ou seja, usando todos os métodos possíveis os cristãos devem continuar tentando testemunhar o evangelho de Jesus ao mundo, e se houverem reveses não devem ficar decepcionados ou desanimados, pois estarão vivendo em parte a experiência joanina do passado.

Diz Konings (2005, p. 295) que um dos principais temas abordados no evangelho de João é a perseguição que a comunidade de Jesus sofre por parte do mundo, ou seja, nesse caso por parte da Sinagoga. O evangelho de João e o evangelho de Mateus têm em comum a transferência desse tema de conflito do contexto escatológico para o contexto de Missão dos discípulos, anunciado em João 15,16. Os contrários se provocam. O antônimo de amor é ódio ou rejeição.

Ainda Konings (2005, p. 295) diz que o *mundo*, ou seja, o ambiente incrédulo que cerca a comunidade a rejeita, como fez inicialmente com Jesus. Não é uma situação anormal. Se o comportamento dos fiéis fosse igual ao do mundo, se permitissem serem dominados pela sociedade em que vivem, então, o mundo os assimilaria com facilidade. No entanto, um comportamento diferente, mesmo que puro e correto causa certo ciúme em quem não o pratica.

Na sociedade atual de acordo com Konings (2005, p. 295) as forças dominantes gostam da igreja quando ela concorda com seus interesses. Quando ela serve nos cerimoniais. Quando ela propaga a cultura em seus colegiados e até quando promove obras de caridade. Assim enquanto a igreja organiza eventos e pessoas, a liderança governamental pode se isentar de suas responsabilidades sociais. Porém, quando a igreja segue a norma do Evangelho, esse mundo não quer mais saber dela. Quando toma partido pelos oprimidos é descartada. Jesus escolheu os fiéis como Javé escolheu o povo eleito.

Para Konings (2005, p. 295) a fé verdadeira requer um povo diferente dos outros, adorando só a Ele e instruídos por sua lei. Jesus transformou seus discípulos em pessoas diferentes do *mundo* que não quer viver segundo o mandamento do amor. E assim como no Antigo Testamento Deus pretendia que o povo mostrasse a sua face aos outros revelando o plano de amor divino, Jesus quer uma comunidade que seja diferente do mundo, que testemunhe a todos sobre o caminho da vida.

Ainda Konings (2005, p. 296) diz que uma comunidade nos padrões de Jesus não deveria se curvar a uma sociedade regida pela exploração e corrupção. Esse tipo de sociedade obviamente só pode sentir rejeição a uma comunidade que pratica os valores cristãos. Seria até irônico se houvesse empatia pelos cristãos. Quando uma comunidade cristã vive em harmonia com a sociedade é um sinal de que ela degenerou. Jesus se tornou o ponto de referência do amor e também da rejeição.

Portanto, como seguidores de Jesus diz Konings (2005, p. 296) não poderemos fugir daquilo que João registrou em 13,16 - “o servo não é maior que seu senhor”. Nesse verso há referência ao lado positivo: servir como Jesus. Mas a análise de hoje é sobre a parte negativa: Ser rejeitado como ele. Ou seja, se Jesus foi perseguido, seus discípulos de todos os tempos também serão. Esta rejeição se dá pelo fato porque os adversários não conhecem ou não querem conhecer aquele que enviou Jesus (8,19).

Esses perseguidores, comenta Konings (2005, p. 296), não reconhecem o Pai que envia Jesus não por impossibilidade, mas por opção (14,10). Mesmo com essa compreensão Jesus não quer condenar os adversários, mas lembrar que não há como negociar com o lado oposto. O amor obriga a tomar uma posição mesmo que provoque ódio e rejeição por parte dos que nos cercam. “Odiaram-me sem motivo” diz o salmo 35,19 // Jo 15,25, bem aplicado a Jesus e os seus nesse contexto que falamos. Motivo judicial nenhum havia para condenação. Interessante que em João 14,16 Jesus prometeu um auxiliador, um consolador, um advogado (Paráclito), retomando a discussão no sentido judicial. Porque na verdade a comunidade está em processo com o mundo, está sendo levada ao tribunal, acusada e torturada por ele.

Quando o Espírito Santo inflama os crentes diz Konings, (2005, p. 302) estes darão testemunho a favor de Jesus diante do tribunal do mundo. Com coragem eles escolhem a verdade. Lendo o quarto evangelho na ótica dos anos 90, a terminologia do Testemunho tem uma conotação especial. Em grego, a palavra *testemunhar* tem a mesma raiz da palavra *mártir*. No tempo de João o testemunho mediante o próprio sangue já não é novidade para os cristãos, aliás, muitas vezes eles eram afligidos pelos próprios irmãos de sangue.

Jesus antecipou tais marginalizações com a finalidade não de provocar motim, mas de prepará-los para a dificuldade. Ele queria os fortalecer na fé para que quando chegasse a hora negativa ficassem firmes. Jesus ainda finaliza a fórmula do adeus lembrando aos discípulos que “no mundo tereis aflições” (16,21), mas que deveriam ter coragem (14,27) porque o seu mestre havia vencido já “o mundo” (14,30b).

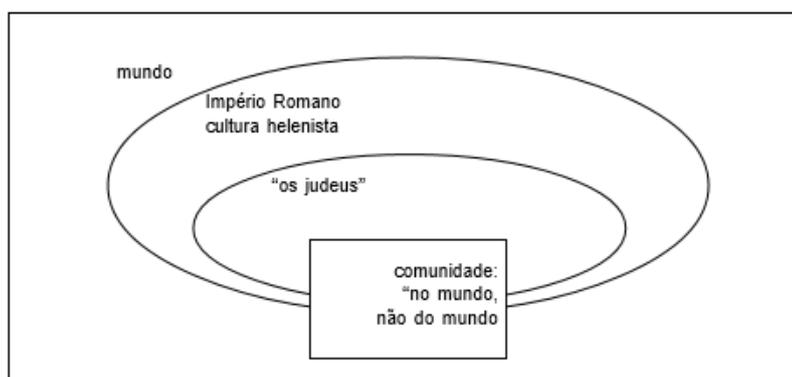
A leitura cosmológica sobre o QE trata de um mundo que está morto por amar mais a escuridão do que a luz; para Bultmann (1981, p. 433):

Para João o mundo é, em primeiro lugar, o mundo dos homens [...] caracterizado por sua oposição radical a Deus [...] sendo que a essência do cosmos é a escuridão [...] não como uma sombra que se encontra em cima do mundo, mas como um destino.

Esse ambiente mórbido diz Bultmann (1981, p. 433), retrata as atitudes que aprisionam o homem. Assim, “o mundo” caracteriza a ilusão da humanidade sobre sua realidade, pois “o mundo” ao encontrar-se com a escuridão, se encontra ao mesmo tempo na mentira. Como “no mundo” se pratica o pecado ele é terra de escravidão mediante a perspectiva de aprisionamento. É o ambiente hostil, o sistema opressor de injustiça e morte.

Para Bibliowicz (2016, p. 109) crentes gentios, que se separaram das comunidades dos seguidores judeus de Jesus, mostrariam as tendências mais “estridentes”. Suas queixas, sua raiva e seu rancor seriam pessoais e vingativos. Esta parece ter sido uma faixa menor, mas militante e influente, evolutiva que instigou alguns dos mais ressentidos conflitos da história “anti-judaica”. Outrora irmãos, esses por divergências teológicas, agora compunham o conceito de “mundo”.

Konings (2005, p. 37) tenta resumir figurativamente o que representa “o mundo”:



Portanto, o conceito de “o mundo” é um pouco mais amplo do que “os judeus” que vimos anteriormente. Esta expressão “o mundo” no evangelho de João engloba mais opositores. Tanto da época de Jesus quanto no tempo da redação final do livro. Podemos dizer que o conceito geral deste termo designa todos os sistemas de injustiça, às vezes o Império Romano, ainda os judeus perseguidores, os gentios irônicos e incrédulos e o ambiente descrente que cercava a comunidade joanina.

É muito amplo tal termo. No entanto, ele também é específico quando se refere a pessoas, grupos e sistemas que contrariam, diminuem, perseguem e atrapalham a pregação do Nome de Jesus. Um pouco mais longe das coligações entre líderes judeus e governantes romanos, parece que a comunidade joanina adverte contra as teologias variadas que surgiram ao longo das décadas, mas com a mesma base errada da legitimação da violência. Passados mais de meio século desde o Jesus histórico, grupos externos e até alguns que haviam saído de dentro da comunidade, queriam gritar novamente: “crucifica-o(s)”. Buscavam parâmetros religiosos para permitirem, apoiarem ou comandarem assassinatos em nome de Deus. “O mundo” de perseguidores cresceu. Logo, insegurança paira sobre as comunidades joaninas e isso precisava ser denunciado para que a vitória da fé continuasse.

Será que em nossa época ainda existem coisas e pessoas que se enquadrariam no termo “o mundo”? E pior! Será que com nossas atitudes e preconceitos não atrapalhamos ou perseguimos alguém de maneira direta ou indireta? Como cristãos e crentes na Palavra não podemos nos incluir no conceito estudado de “mundo”, apesar de estarmos no mundo, devemos ser diferentes, melhores do que aqueles que ainda não seguem os ensinamentos do Mestre de Nazaré. Não para exaltação ou aplauso, mas para construirmos um mundo mais justo começando na influência de uma pessoa por vez.

#### 4. VIOLÊNCIAS COM A ATITUDE DE “OS JUDEUS” E “O MUNDO”

Neste capítulo iremos considerar não mais as expressões específicas “os judeus” e “o mundo”, mas suas atitudes hostis. O evangelho de João, dos quatro, é o que mais vezes os adversários de Jesus querem matá-lo ou a outra pessoa em nome de sua fé, em nome de sua forma de compreender e cultuar a Deus. É o evangelho que mais vezes apresenta Jesus, ou algum de seus seguidores, ou outra pessoa, sendo ameaçado de morte: 5,16-18; 7,1.19.25; 8,37.40.59; 10,31-33.39; 11,50.53. Querem matar a mulher acusada de adultério (8,2-11); e matar também a Lázaro, que Jesus havia ressuscitado (12,10). Nos sinóticos isto está presente, porém com uma frequência menor (Mc 3,6; 11,8 e 14,1; Mt 2,13; 10,28; 12,14; 13,31; Lc 12,4 e 19,47). Então as análises seguintes enfatizam não somente as expressões já estudadas, mas a índole negativa e destrutiva que “os judeus” e “o mundo” já demonstraram.

##### A. AMEAÇAS À PESSOA DE JESUS

A.1. Ameaças mediante o Sábado e a Divindade de Jesus (João 5,16-18)

Beutler (2015, p. 149) menciona que neste episódio os judeus perseguem Jesus como transgressor do sábado e que o imperfeito do verbo grego sugere um conflito permanente e não apenas por esse assunto ou somente nessa ocasião. Logo, pode-se pensar que a implicância já havia se arraigado no coração deles e por mais corretas que fossem as ações de Jesus sempre haveria críticas ferrenhas. Sendo assim quando eles percebem que as palavras de Jesus o colocavam no mesmo nível que o Pai suas intenções saem da perseguição e evoluem para o homicídio. Haviam aprendido que Deus era único e não iriam admitir outra idéia diferenciada da tradição.

Konings (2005, p. 138) esclarece que os judeus começam a importunar Jesus por ter mandado o ex-aleijado carregar acama em dia de sábado. Ele se defende dizendo que seu Pai trabalhava sempre. Claro que Deus santificou o sétimo dia da criação, o sábado (Gn 2,2-3), porém, não se aposentou! Não deixou de cuidar de seus filhos. Também Jesus cuida dos filhos de Deus no sábado: faz como o Pai. No entanto essa equiparação entre Jesus

(humano, visível) e o Pai (divino, invisível) traz a mente judaica um ódio mortal. Jesus não se declarou igual a Deus de maneira direta; os judeus que interpretam assim. Podemos suspeitar que se trate de uma discussão viva no tempo do evangelista: sinagoga acusando os cristãos de colocar Jesus no mesmo nível de Deus.

Guzik (2016, p. 141) comenta que por causa da “quebra da lei” referente ao sábado, os judeus perseguiram Jesus e procuraram matá-lo: Notavelmente, a cura parecia não fazer diferença para eles. Tudo o que podiam ver era que seu governo religioso estava balançado, uma regra que ultrapassava a ordem da própria Escritura, quando esta ensinava que o sábado havia sido inventado para beneficiar o homem e não para escravizá-lo (Mc 2, 27).

Wiersbe (2006, p. 392-393) acrescenta que o Sinédrio era responsável por investigações sobre novos pregadores e mestres que apareciam em Israel. João Batista já havia sido procurado. Agora Jesus era observado desde o momento da cura de um endemoninhado no sábado, despertou suspeitas após ter defendido os discípulos que colheram espigas também no sábado, depois disto ainda curou um homem na sinagoga com a mão ressequida, no dia sagrado e por último, além de curar um aleijado no sábado, explicou que era lícito fazer isso porque “Seu Pai” trabalhava! Não usou a frase “nosso Pai”, mas “Meu Pai”. Tal detalhe foi o estopim para o perseguiram com intenção mortal.

Carson (2007, p. 250) diz que os oponentes de Jesus captaram as implicações de seu comentário, incluindo o fato de que ele estava dizendo que Deus era seu próprio Pai. Infrações contra a lei do sábado eram sérias e podiam provocar planos homicidas; mas um homem que se igualava a Deus desafiava a distinção fundamental entre o Deus santo e infinito e os seres humanos caídos e finitos. Por isso, mais ainda queriam matá-lo.

Os rabis, de acordo com Carson (2007, p. 250), reconheciam que Deus pode tornar alguns como ele mesmo (Moisés, Êx 7,1), à medida que eles representam Deus para os outros, mas, conforme as Escrituras, os quatro que se fizeram como Deus, todos eles caíram sob o terrível juízo: Faraó (Ez 29,3), Joás (2Cr 24, 24), Hirão (Ez 28, 2) e Nabucodonosor (Is 14,14; Dn 4).

Assim, Jesus também deveria ser julgado, pensavam dessa forma, mesmo que fosse por eles.

Portanto, vemos nesse tópico que por motivos de embates ideológicos sobre o assunto do sábado muitos se ofenderam a ponto de desejar tirar a vida de Jesus. Findaram-se argumentos teológicos ou filosóficos e deram início a um plano que razões particulares deveriam ser aceitas por obrigação. Na questão da divindade de Jesus, como era uma ideia longe dos ensinamentos costumeiros, pensaram em extinguí-la e não em discutí-la. Às vezes pessoas que não admitem um divórcio preferem assassinar o cônjuge. Indivíduos que compreendem somente suas convicções religiosas como legítimas inserem o terrorismo no cardápio da fé. Continuam escolhendo a eliminação ao invés da análise.

A.2. Ameaças mediante quem ensinava melhor a Lei de Moisés (João 7,1.19.25)

Para Beutler (2015, p. 198, 204) há uma discussão sobre “poder” e “querer” Jesus estar na Judéia. Uma hipótese é de que Ele não queria estar lá por causa da escatologia ainda não cumprida no tempo certo a respeito de si, outra, mais provável, era a ameaça de vida mostrada nos versos seguintes ligados a essa passagem. Essa ameaça é aqui fermentada pelo fato de Jesus acusar autoridades judaicas de valorizarem Moisés como exemplo religioso, mas não se comportarem a altura da Lei que ele divulgara, no momento em que perseguiam Jesus com intenção de matá-lo.

Konings (2005, p. 172, 175) diz que Jesus conhecia a insegurança que passaria ao se mostrar na Judéia. Sabendo que sua vida corria perigo ficou ainda na Galiléia por mais um tempo. O plano de morte para Jesus é retratado aqui por causa de sua origem humilde, pois Nazaré tinha sido uma cidade refúgio, de onde se esperavam somente prostitutas e ladrões. Até a origem teológica de Jesus não era confiável, pois não tinha aprendido aos pés de nenhum rabi famoso da época. Logo a autoridade de Moisés mediante a de Jesus, para eles, não poderia ter o mesmo peso. Seria uma afronta tal comparação e ao ouvirem a menção se enraiveceram.

Wiersbe (2006, p. 406-407) comenta que o fato de Jesus não ter credenciais rabínicas e ainda hierarquizar seus ensinamentos mencionando que eles vinham do “Pai”, quando pensaram diminuir Moisés, um de seus ícones nacionais, não havia na mente deles outra forma de vencê-lo sem o assassinato.

Carson (2007, p. 318) fala que quando Jesus coloca em “xeque” a Lei de Moisés na vida dos judeus, na mente deles isso soou como colocar dúvidas sobre a eleição deles como povo escolhido do Senhor, então ficam indignados e tentam matá-lo para não mais ouvirem tal proposição.

Vemos que é difícil lidar com ideias contrárias. Não são todos que aceitam uma oposição com paciência e auto-análise. No entanto, estamos sujeitos a esse tipo de afronta na escola, no trabalho, na igreja ou até mesmo no lar. Como reagiremos? Sempre haverá pessoas que pensam diferente de nós. Eliminar a pessoa não é eliminar a ideia. Ideias vistas por outros são úteis para crescermos. Quem aceita somente as suas não agrega valores. Se não aceitamos pequenas intervenções de outros corremos o risco de ao longo do tempo chegarmos aos extremos como estes do passado.

### A.3. Ameaças mediante a descendência de Abraão (João 8,37. 40. 59)

Beutler (2005, p. 226, 233) explica que ao Jesus duvidar da descendência de seus interlocutores oriunda de Abraão, não pela parte física, mas pela parte comportamental deles, tal menção é tida como uma afronta e não tendo argumentos para endossar suas convicções resolvem romper com a discussão mediante a possibilidade da morte do Mestre. O fato de Jesus ter usado a expressão “Eu Sou” (*ego eimi*) remete a auto-apresentação divina do Pentateuco (Êx 3,14) e coloca uma fórmula soteriológica no discurso e na pessoa de Jesus. Para os que entenderam esse viés a ideia ainda amplia a ira sobre Jesus por ter a salvação de passar por Ele. Ao pegarem em pedras para acertar Jesus estavam usando um método físico e jurídico de condenação daquele tempo.

Konings (2005, p. 188, 191) ensina que Jesus entendia e concordava que os judeus que discutiam com ele eram “*sperma*” de Abraão, porém, para que essa origem fosse autêntica seria necessária a atitude de caráter de Abraão neles, ou seja, bondade, paciência, hospitalidade

e boas relações com os semelhantes. Quando implícitos tais requisitos eles se encontravam falhos. Então partiam para a agressão por não saberem perder uma discussão. A expressão “Eu Sou” mencionada por Jesus justificando Sua origem é entendida por eles com mais do que uma revelação; um julgamento. Por isso querem eles executar outro antes que a sentença chegue para si, pegando em pedras para atirar em Jesus.

Hendriksen (2004, p. 408) explica que nesta ocasião a oposição contra Jesus subira de nível. Ao dizer o Mestre que ele era mais importante ou anterior a Abraão os seus ouvintes tornam-se incapazes de conterem-se e se baseiam no Antigo Testamento (Lv 24, 16) para legitimar o ataque à vida de Jesus, quando pegam em pedras de uma parte em construção do Templo para atacá-lo.

Carson (2007, p. 352, 359) diz que Jesus recorre a uma noção ética e moral para avaliar a filiação por parte de Abraão, sendo assim a descendência física de importância menor. Ao Abraão obedecer a voz de Deus e agora ao eles rejeitarem a voz presencial divina estavam se desvinculando do parentesco abraâmico. Isso traz a mente incertezas e inseguranças quanto à vida social deles. Por isso perturbam-se ao ponto de desejarem resolver a acusação com o extermínio. O apedrejamento prescrito pelo Antigo Testamento era resultado de uma tranquila decisão judicial. Não foi o caso desse evento, onde escandalizados com o discurso de Jesus, o grupo age por violência de massas.

Mais um episódio onde a emoção (negativa) toma lugar da razão. Como que um ritual de aceitação para determinadas “tribos” modernas, no passado parece que era ofensivo e fraco deixarem passar discursos que excluía o povo de sua origem e para mostrar que merecia estar no grupo tinha-se que agir com rigor. Quem sabe de onde veio não precisa discutir. Não precisa aceitar provocações. Se Deus é por nós, quem será contra nós? (Rm 8, 31). Parece que o melhor argumento para vencer uma discussão, se é que se precisa vencer sempre, é o silêncio e não a agressão. Mas aqui muitos ainda não possuíam tal conceito na vida.

#### A.4. Ameaças mediante a unidade com o Pai (João 10,31-33.39)

Beutler (2005, p. 265) escreve que nessa ocasião os judeus saem do verbal para o físico. De acordo com prescrição dada pela *Mixná* (Sanhedrin 7, 4s.) sentem-se à vontade para pegar em pedras e executar o blasfemo.

Hendriksen (2004, p. 481) explica o raciocínio dos judeus ao escutarem Jesus se equiparando ao Pai, com um silogismo:

*Premissa Maior*: Um blasfemador deve ser morto por apedrejamento.

*Premissa Menor*: Este homem é um blasfemador.

*Conclusão*: Este homem deve ser morto por apedrejamento.

Apesar de nos moldes atuais a *Premissa maior* estar inadequada, parece que no contexto Teocrático do AT estava correto ou admitido. Mas eles não consideraram a possibilidade da *Premissa Menor* estar errada! Caso estivesse a *Conclusão* também estaria. Olhar de outro ângulo é sempre difícil, pois exige exercício mental e sair do comum.

Carson (2007, p. 397, 400-401) conta que diferente de outras situações anteriores, desta vez Jesus não se ausentou ou desapareceu mediante as possíveis ameaças, mas permaneceu e ainda dialogou sobre por quais motivos os seus oponentes o estavam acusando. Quando Jesus lança tal pergunta, o faz com a intenção de que eles não admitissem sua identidade baseado somente em suas palavras, afinal era um desconhecido ali, mas que eles pesassem o que tinham visto e ouvido sobre os milagres realizados por ele. Assim os convidava a usar todos os seus sentidos a fim de obterem fé racional. A religiosidade não implica em abolição do pensamento e simples admissão da tradição.

Novamente uma idéia nunca pensada pela tradição judaica os faz travar, odiar um conceito diferente e a pessoa que o inaugurou. Mudança exige esforço. Muitos gostam do conforto da mesmice. Em marketing não se atinge uma meta audaz sem uma estratégia corajosa. Na vida espiritual não se evolui fazendo sempre as mesmas coisas. Resultados diferentes não são alcançados com ações iguais as que já realizamos anteriormente. Abrir a cabeça (no sentido figurado) sempre é positivo e promissor. Alguns no tempo de Jesus e da comunidade joanina não tinham tal disposição.

#### A.5. Ameaças para preservação de posições (João 11, 50.53)

Beutler (2015, p. 289) lembra que o fato de Caifás, sumo sacerdote do ano em que Jesus seria julgado, dizer que era melhor morrer um só homem do que muitos, no sentido profético poderia estar essa frase aludindo à salvação, mas no primeiro momento estava se referindo a preocupação do Sinédrio em não perder sua posição ou até se preservarem fisicamente, ou seja, era melhor que Jesus morresse e as multidões fossem aplacadas, do que Roma enviasse exércitos para exterminar a liderança judaica por não conterem as agitações do povo naquele lugar.

Konings (2005, p. 229) relata que anteriormente em outras discussões os adversários de Jesus pensaram em matá-lo também, porém este plano não havia saído do mundo das idéias, agora, porém, eles “resolveram, decidiram” matá-lo. Então os arranjos para isso foram sendo tomados.

Wiersbe (2006, p. 435) diz que naquele dia o Sinédrio decidiu oficialmente que Jesus deveria morrer. Eles pensavam que estavam no controle da situação, mas na verdade Deus já havia tomado as rédeas da história e invertido o mal em bem comum. O maior drama épico estava para ocorrer. Em breve seria exposta a pior parte da humanidade e a melhor parte divina. O ódio em movimento contra o amor em pessoa.

Carson (2007, p. 423) comenta que precipitado pela ressurreição de Lázaro a encomenda de Caifás se torna pública e efetiva com relação a morte de Jesus, pois para eles Jesus não deveria ser preso e julgado, deveria ser somente preso porque já estava julgado e condenado em suas mentes e vontades.

Hendriksen (2004, p. 527) fala que Caifás pareceu defender a pátria ao propor a morte de Jesus: um homem ou a nação toda! Ou seja: sigam a Jesus e o país perecerá, matem a Jesus e a nação será salva. No entanto, esta proposta não tinha base espiritual e nem política, pois mesmo matando Jesus anos depois a nação pereceu quando os Romanos invadiram a cidade de Jerusalém e destruíram o Templo.

Interessante que há discussões acirradas quando alguém ainda hoje fica ameaçado de perder sua posição. Quando alguém nos aponta um erro ou deficiência instantaneamente apontamos o de outro para tirar o foco de nós. Sentimos-nos grandes ao diminuir alguém.

Talvez por isso o ensino bíblico diga: “Tire primeiro a trave do seu olho e depois o cisco do teu irmão” (Mt 7, 5). O problema é que sempre achamos que nós temos apenas um cisco e o outro é que tem uma trave!

Nesses versos que acompanhamos a condenação real de Jesus destacamos por trás esta situação de perda de posição por parte dos líderes da época. Cargos, dinheiro, posições, status não valem mais do que a vida de alguém. Será que nunca ameaçamos uma pessoa com as nossas arrogâncias? Quem não quis falar ou pronunciou a frase: você sabe com quem está falando? Entendamos que a violência com Jesus teve uma progressão até chegar ao homicídio. Cuidemos para não trilharmos tal caminho agora.

## B. AMEAÇAS A OUTROS

### B.1. Ameaças a mulher adúltera (João 8, 2-11)

Beutler (2015, p. 217) comenta que normalmente nesse episódio são lembrados como personagens os escribas e fariseus, Jesus e a mulher acusada. Porém além destes ainda há a multidão que assistia a discussão, pois é dito que ela é colocada “no meio”. Logo, eles queriam mostrar ao povo que Jesus não era tão amoroso assim porque pensavam que não teria como contrariar a Lei de Moisés que condena adúlteros (Dt 22, 22-24). Um assassinato público mesmo que até apoiado na Lei deles seria impactante. Diminuiria o efeito do ministério de Jesus. Não se importavam com uma pessoa condenada ou morta de maneira inadequada, pois o homem que havia adulterado com ela não aparecera desde que isso somasse pontos para suas razões inescrupulosas.

Beutler (2015, p. 218) continua lembrando que o fato de Jesus após a pergunta sobre a aplicação da Lei para matarem a adúltera, escrever no chão em vez de responder imediatamente, poderia estar ensinando um paralelo entre a dureza da Lei e a flexibilidade da mesma, já que o propósito da Lei era a preservação da vida, pois Deus sempre condenou o pecado, mas amou o pecador. Tal atitude de prazer em matar para expor Jesus não era o que se esperava de religiosos, mas era isso que pairava em suas mentes.

Konings (2005, p. 375) relata que esta perícopé em João pode ser chamada de “mini evangelho”, pois engloba conceitos centrais dos ensinós de Jesus. Mostra que a vontade de Deus está acima da Lei, afinal foi Ele que a instituiu. Apresenta Jesus como rabino, escriba e juiz. Rabino quando sentado foi inquirido, ou dado oportunidade de expor um ensino, mais do que uma opinião. Escriba quando escreve na areia aparentemente pecados comuns aos acusadores ou talvez nada importante, mas um passatempo para dizer: “tenho coisas maiores a fazer. Juiz quando se levanta para dar o resultado ou veredicto do julgamento em questão. Cumprindo bem todos esses papéis, Jesus ainda provoca mais ódio da parte de seus perseguidores, pois foi surpresa para eles tal performance.

Wiersbe (2006, p. 411) diz que os escribas e fariseus trataram a questão de maneira brutal ao interromper no Templo os ensinós de Jesus jogando a mulher acusada no meio da multidão que prestava atenção aos ensinós cristãos. Queriam encurralar Jesus. Se ele dissesse para apedrejar perderia a reputação de “amigo dos publicanos e pecadores”. Se dissesse para liberar estaria indo contra a Lei e poderia ser preso. Ao invés de julgar a mulher ele julga os juizes. Saíram em silêncio, mas com a ira em ebulição.

Carson (2007, p. 335) explica que ao chamarem Jesus de Mestre para inquiri-lo, já denotava ironia e não respeito, pois não valorizavam os Rabis sem um histórico “acadêmico”. Então a intenção não era aprender, discutir ou ajustar opiniões e sim afrontar. O autor também comenta que não existiam “detetives” de plantão para punir casos de adultério. Apesar de o apedrejamento ser admitido nem era tão comum assim, no entanto, nesse caso a captura da mulher e a pergunta vieram como uma armadilha para Jesus e não como debate teológico.

Hendriksen (2004, p. 374) diz que os escribas e fariseus forçaram uma interrupção na aula de Jesus e estavam facilmente pensando em matar aquela mulher caso fosse necessário para minimizar a religião de Jesus e seus ensinós famosos. Sabendo que naquela sociedade as crianças, estrangeiros, pobres e mulheres eram menos que objetos, não lhes custariam nada ou ainda os encheria de satisfação uma execução que arrancasse adeptos de Jesus.

Como infelizmente era a realidade da disputa de terreno espiritual naquele tempo, os adversários de Jesus não descartavam nenhum método para obter vitórias perante a multidão, mesmo que fossem sorrateiros e desleais o que importava para eles era vencer. Para chegarem ao ápice de suas convicções pessoas teriam de morrer. Porém, isso não os abalava mais do que perder um cargo, razão ou contrariar a tradição. A centralidade deste episódio para nós não é se a mulher adúltera era real ou fictícia, se a perícopé foi inserida ou não. Por ser aceito como canônica tal texto traz lições positivas e negativas que se multiplicam a cada maneira de meditar. O bom para se analisar é que o Mestre não revidou violência com violência. O mau é que ainda em nossos dias pessoas religiosas tentam defender suas filosofias com agressões verbais, editoriais e até físicas. Podemos aprender a fugir dessa atitude e chegar ao perdão, pois quem se acha melhor não tem direito mesmo assim de “apedrejar” e sim de amar e contribuir.

#### B.2. Ameaças a Lázaro após sua ressurreição (João 12,10)

Beutler (2015, p. 297) comenta que a casa de Lázaro havia se tornado um ponto de encontro de curiosos e pesquisadores da religião. Afinal tinha ali um exemplar vivo e não um objeto inanimado de museu, testemunha do poder de Deus. Ao verem Lázaro ressuscitado tinham que decidir ir contra ou a favor de Jesus. Para os sumos sacerdotes a aglomeração era no mínimo suspeita e necessário um procedimento rígido: eliminar senão ainda Jesus, ao menos Lázaro. Do contrário perderiam forças, pois muitos passavam a crer no Messias de Nazaré após esta visita e testemunho verbal de Lázaro.

Wiersbe (2006, p. 437-438) relata que o fato de Lázaro ser um “milagre ambulante” o deixou em situação de risco. Líderes judeus decidiram não só matar Jesus, mas incluíram Lázaro no plano criminal. O título dado a eles pela comunidade joanina, onde são chamados de “filhos do diabo” não parece exagerado porque entre eles havia gente pensando que podia matar em nome de suas doutrinas. Não aceitam a inversão proposta por Jesus, colocar a vida no lugar da Lei e das doutrinas. As comunidades joaninas que procuravam coerentemente seguir estas concepções sofriam perseguições e violências por isso. Parece que os grupos tradicionais tinham medo de perder adeptos tinham de dar um jeito de se livrarem delas!

Carson (2007, p. 430-431) diz que Lázaro se transformou em um foco para as conspirações dos sumos sacerdotes porque a sua vida embasava fé em Jesus Cristo, por isso, para os contrários, ele deveria ser eliminado. Embora Carson tome o texto como história, na narrativa fica claro que as novas práticas e posturas frente à Lei, aprendidas de Jesus e vividas pelas comunidades joaninas, levam muitos a crerem em Jesus. A crença em Jesus, o seguimento de Jesus, conforme apresentado pelo QE pressupõe uma conversão consciente, que leva a certo afastamento da religião praticada pelas autoridades do país na época. Então essa maneira alternativa de viver a Lei, com base no amor e não no legalismo ou doutrinário, desencadeou conflitos, que para alguns só poderia ser resolvido com a eliminação dos diferentes.

Também lendo a narrativa evangélica como uma reportagem histórica, Hendriksen (2004, p. 548) explica que para os principais sacerdotes o testemunho de Lázaro andando e conversando por ali trazia dois problemas: um era que muitos por causa dele começaram a crer em Jesus porque além de sermões e discursos agora tinham algo palpável para garantirem sua fé, o que a religião judaica estava carente. Segundo, que alguns sacerdotes faziam parte da seita dos saduceus, que por convicção, não criam em ressurreição. Logo, era uma ofensa às suas crenças ver um homem com tais prerrogativas em seu meio. Então tramaram matá-lo na esperança de que ele não mais fosse ressuscitado e que essa hipótese desaparecesse. Perspectivas de leitura como essa de Hendriksen são problemáticas. Pois, a partir de leituras dogmáticas de versículos como: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6) tendem a formar cristianismos dogmáticos, arrogantes, violentos e autoritários com pessoas de culturas e religiões diferentes do cristianismo.

É chocante que alguém prefira eliminar, matar uma pessoa a revisar suas crenças! É quase impossível para alguns dizer: desculpe, eu estava errado! Ser contrariado ativa um senso de defesa que às vezes vai ao extremo, como no caso acima. Talvez por isso nas narrativas evangélicas sobre as palavras de Jesus encontremos um conselho, não de auto piedade ou indolência, mas de proteção contra si mesmo quando recomenda: “ao que te bater na face direita, oferece-lhe a outra” (Mt 5, 39).

Não revidar não é sinônimo de medo ou covardia, mas de cristianismo. Não é agradável saber que nem tudo que aprendemos estava correto ou incompleto, mas é essa descoberta que desperta a escolha de agregar ou rejeitar conceitos e pessoas.

### C. AMEAÇAS ATUAIS

Parece que João 16,2 (“...vem a hora em que qualquer que vos matar julgará prestar um serviço a Deus”) não fala somente para a comunidade joanina e seu tempo, pois tais palavras valem para muitas situações vividas ainda hoje. Porque se olharmos o âmbito religioso atual e considerarmos todas as notícias escandalosas sobre preconceitos, intolerâncias e atos de violência por motivos religiosos parece que de alguma forma Jesus estava também olhando para o futuro. Apesar de tais ocorrências serem vergonhosas, infelizmente são reais, logo, não poderíamos finalizar esta pesquisa sem antes meditarmos no “porquê” disso e no “como” abolir tais práticas, se não da sociedade como um todo, mas ao menos de nossas comunidades ou de nossas práticas pessoais.

“Os Judeus” e “o mundo” com o mesmo sentido que pesquisamos, ou seja, como Império, Sinédrio, Gentios, Fariseus, Sumos sacerdotes e outros adversários de Jesus e da Comunidade Joanina não mais existem. Porém, as atitudes ortodoxas dos mesmos ainda prevalecem, e muitas vezes, dentro de certos cristianismos, em nossos dias. Então, vejamos alguns detalhes importantes sobre esta linha de procedimentos equivocados do povo religioso pós-moderno.

Neste tópico da pesquisa nos basearemos nos artigos de Aurenéa de Oliveira (2007) e Sandra de Oliveira (2011).

Gilvan da Silva (2010, p. 59) comenta que a problemática do contato cultural trouxe para o centro das discussões intelectuais a descoberta de que agora o “outro” não se encontra tão distante quanto outrora. O mundo global e tecnológico rompe com o conforto e familiaridade que uma vizinhança “segura” poderia proporcionar, desafiando-nos a compreender um mundo em rápida transformação ou em nítida ebulição.

Hoje a língua, a religião e a democracia podem ser usadas como símbolos de autoridade, como instrumentos de coerção contra aqueles que são excluídos e rebaixados.

Complementa Silva (2010, p. 60) que por esse novo cenário, as identidades comportariam um padrão estrutural que permitiria identificar um negro, um índio, um muçulmano ou um judeu em qualquer circunstância, tempo ou lugar na medida em que haveria, por assim dizer, um “protocolo” cultural fixo a ser seguido pelos atores sociais. Quando o padrão sai da linha provoca conflitos, inicialmente mentais.

Ainda Silva (2010, p. 62) diz que pensada em termos culturais mais abrangentes, a noção de *différance* nos revela, em primeiro lugar, que as identidades, não existem por si mesmas, sem fazerem referência às condições das quais são dependentes e vinculadas. Em segundo lugar, na medida em que as identidades são dinâmicas, não propiciam a formação de arranjos estanques nem retilíneos, o que dá margem a todo tipo de interação e influência. Isso nos impede, por exemplo, de considerar o termo “cristão” como dotado de uma capacidade auto-explicativa, de uma transparência e de uma unidade semântica que se manteriam intactas num confronto.

Continua Silva (2010, p. 63) explicando a respeito do domínio da história das religiões, o conceito que substitui o de aculturação é o de sincretismo. A assimilação de uma cultura dominante por parte de uma sociedade constitui uma estratégia de resistência em face de uma relação desigual de poder. Quando era impossível de ser revertida por outros meios, uma maneira de os dominados conservarem sua integridade social e psíquica se “uniam” com os dominadores.

Comenta também Silva (2010, p. 64) que “não podemos celebrar a troca cultural como um simples enriquecimento, pois às vezes ela acontece em detrimento de alguém”. Como no caso da assimilação da herança judaica por parte dos cristãos, assimilação que em suma foi uma privação e não um compartilhamento, uma vez que, do ponto de vista do cristianismo, a Igreja é celebrada como o Verdadeiro Israel, agora excluindo os judeus da aliança.

Ainda explica Silva (2010, p. 66-67) que judaísmo e cristianismo, antes de serem entidades excludentes, comporiam um sistema circulatório, no qual práticas e concepções seriam compartilhadas em maior ou menor grau, podendo mover-se livremente em todas as direções. No entanto, muitas vezes, o hibridismo cultural, longe de exprimir uma relação de igualdade ou de reciprocidade, implica num confronto entre grupos que lutam pelo controle de um patrimônio cultural comum.

Alberto Antoniazzi (2006, p. 15) menciona que o censo de 2000, promovido pelo IBGE, mostra a mudança do perfil das opções religiosas brasileiras. Tal afirmação não só é confirmada como acentuada, nos dados do censo de 2010. Num país basicamente católico, como visto em censos anteriores, notamos um aumento considerável de opções religiosas e número de adeptos. Também há crescimento do número dos que se declararam sem religião. Essa variedade espiritual traz conflitos na medida em que cada pessoa defende como única e correta a religião ou lugar de culto que escolheu.

De acordo com Cristian Parker (1996, p. 77), uma marca da modernidade religiosa é a pluralidade, onde o questionamento das autoridades e quebra de ligações institucionais causam vários fatores ou reações sociais, uns de aspectos positivos e outros de aspectos negativos, como é o caso da violência.

Paula Montero (1994) acrescenta que as tradições religiosas estão em constante processo de reinvenção, transitando em diversos cultos, articulando crenças e buscando adesões dentro de um vasto campo. Podemos citar a relação existente entre católicos e protestantes. Essa realidade de concorrência religiosa gera certa violência simbólica na vontade de atrair o “cliente”. Esse tipo de “agressão” se concretiza por meio das pregações, em ataques às denominações concorrentes no âmbito do próprio cristianismo e às outras expressões religiosas, principalmente o espiritismo e às religiões afro-brasileiras. Ataques estes que muitas vezes significam a demonização de culturas ou de religiões, primeiro passo para a legitimação da violência verbal e até mesmo física contra objetos, locais e pessoas relacionadas a elas.

A religião é conforme Parker (1996, pg. 112), um componente primordial do campo simbólico-cultural de uma sociedade que, do ponto de vista de suas significações, remete a realidade do sagrado, do transcendente. Está presente em cada civilização e quando alguém entende essa necessidade, às vezes a defende até de forma física e sem tolerância.

Ligado a este conceito está o de “cultura”, explicado por Pierre Sanchis (2001, p. 47), como o “jeito de ser”, relativamente diferente de grupo para grupo, referindo-se ainda como cultura individual. Permeada de possibilidades humanas, a cultura carrega os diversos sentidos dos seus elementos, pois o mundo humano é cheio de valores pontuados por símbolos. O lugar desses elementos na hierarquia mental, bem como a significação de cada um deles, é o resultado final da cultura dos grupos que poderão ser diferentes. Mas o “diferente” por vezes incomoda porque alguns não entendem que há muitas rotas para o mesmo destino.

Dietrich (2010, p. 11-21) comenta que grande parte das doutrinas e práticas cristãs foram formadas em longos estágios de aliança com poderes imperiais, tendo a igreja Católica Apostólica Romana e também várias Igrejas oriundas do cristianismo reformado se desenvolvido por séculos como igrejas oficiais destes impérios coloniais, Teologias e espiritualidades elaboradas e consolidadas nesses contextos seguem presentes em muitas teologias, espiritualidades e práticas eclesiais ainda hoje em vigor. Uma destas consequências é pensar aquele que nos é culturalmente e religiosamente diferente, como alguém que não é plenamente civilizado ou humano.

Ainda Dietrich (2010, p. 11-21) diz que tais teologias e espiritualidades compreendem as culturas e religiões diferentes dentro de uma hierarquia, onde a sua cosmo visão corresponde à cultura e à religião verdadeiras, estando todas as outras abaixo desta. E quanto mais diferente mais abaixo estarão. Por isso muitas vezes as religiões originárias da África, Afro-americanas, ou as Religiões dos Povos Originários das Américas, por comportarem aspectos animistas ou sacrifícios de animais, estão geralmente colocadas nos mais baixos patamares.

Parecendo aos que se consideram membros das culturas e religiões superiores, uma necessidade imperiosa, até amorosa, salvá-las da ignorância e das trevas, e para tanto às vezes mesmo a violência é justificada.

Então cultura e religião para Sanchis (2001, p. 48) são fenômenos que se mesclam, pois não só têm raízes na natureza social, de produzir sentido e estabelecer relações, como também abrem espaço de diálogo entre indivíduo e sociedade. A cultura e a religião deveriam ser vistas como espaços de entendimento. É difícil separar religião de cultura, pois a religião é um dado da própria cultura, havendo interação entre ambas. Logo, é de suma importância nos determos no conceito de violência praticada no âmbito da religião, levando em conta os contextos culturais em que ela se insere.

Para Murad (2006, p. 131) a violência é vista como um dos estruturantes da história e das sociedades, das instituições e dos grupos, manifestando-se em todos os tempos e em todos os espaços. Comenta que tal comportamento pode ser apresentado “como dado da natureza humana”. Deve ser estudado, entendido e controlado de forma individual e coletiva.

Costa (2000, p. 103) menciona que um tipo de violência, a emocional não resulta em morte do corpo, mas da alma. No cotidiano, esse tipo de ação está presente nas instituições. A violência psicológica vem da prática de atos que depreciam, humilham, desrespeitam e agredem verbalmente uma pessoa. Esta prática não é rara, pois pode ocorrer mesmo sem a percepção do agressor, mas com certeza não passa despercebida por aquele que a sofre.

Nas múltiplas espécies de violências, diz Monteiro (2007, p. 107), ainda existe uma que se dá de forma sutil, na maioria das vezes imperceptível pela vítima e até mesmo pelo algoz, que é a violência simbólica, que pode ser entendida como “o conjunto ideológico de símbolos e idéias a serviço da dominação e da repressão”.

Segundo Pierre Bourdieu (2010, p. 57), a dominação simbólica é uma forma de violência que se dá nas relações de etnia, gênero, cultura, língua, religião, dentre outras. Como se explica a violência religiosa que ocorre hoje, sendo que o principal papel da religião é a construção da paz,

da harmonia, da fraternidade entre a humanidade? Intrigante não? Tem de ser objeto de pesquisa mesmo.

Conforme elucida Teixeira (2003, p. 51) “denuncia-se o fator Deus” ou as violências que ocorrem em nome de Deus, abrindo as mentes para as intolerâncias mais repugnantes. Desta forma, quando o discurso teológico se refira à ética das religiões, esbarra muitas vezes na dinâmica concreta e histórica das agressões, fanatismos, ódios e hostilidades inter-religiosas em que na maioria das vezes as posturas de intransigência e exclusão apóiam-se em sentimentos de superioridade, arrogância identitária e pretensão exclusiva de verdade, que impossibilitam qualquer exercício de fraternidade recíproca.

Para Libânio (1987, p. 41) no campo religioso não falta violência nos sermões carregados de ameaças, nas práticas repressivas, nas proibições arbitrárias, nas censuras, nos processos, nas punições, nos controles por parte da instituição. A violência está aí, impregnada, estruturada e institucionalizada na sociedade, como fruto de suas relações sócio-político-econômicas, bem como na própria estrutura antropológica e psicológica do homem.

De acordo com Clark (2006, p. 97) a história do cristianismo foi marcada pela violência religiosa, tendo como maiores exemplos as cruzadas e a inquisição. Tais marcas foram expressas por “perseguição, conversão forçada, exílio e martírio”, que por meio de disputas e atitudes se instigaram de forma que trouxeram também a violência semântica e verbal, em que se alguém se identificasse como um *protestante* era considerado um perverso ou herege. E se alguém dissesse que um indivíduo era um *papista*, era então considerado desprezível. Assim uma religião era contrária à outra.

Dietrich (2010, p. 11-21) salienta que essas características, presentes em determinadas formas de cristianismo da atualidade, são como foi visto acima, consequências de longos períodos em que cristianismos foram “religião oficial” de estados ou impérios, mas também representam uma enorme perversão do cristianismo original. Perversão que coloca na boca de Jesus o que a comunidade joanina atribui aos “judeus” e ao “mundo” que queriam matar Jesus.

Perversão que na verdade coloca na boca de Jesus as palavras, as teologias e práticas daqueles que efetivamente em nome de Deus crucificaram a Jesus e depois ao longo dos primeiros três séculos martirizaram outros milhares de discípulos de Jesus.

Continua explicando Dietrich (2010, p. 11-21) que a aliança com Constantino, e a transformação de certa elaboração cristã em religião oficial do império romano é o marco dessa mudança. A partir dali este cristianismo aliado ao império passará a ser martirizador, passará a matar gente em nome de Deus, do mesmo modo como antes cristãos eram mortos em nome de Deus. Com a diferença que antes eles eram mortos em nome de um Deus legalista da *Toráh*, ou dos Deuses do império romano, ou dos imperadores divinizados, agora porém matam em nome de Jesus.

Santos (2000, p. 41) declara que a vida social é estruturada dentro desse contexto, havendo tensões entre os grupos. “A marcação da diferença é a componente chave em qualquer sistema de classificação”. A existência humana na sociedade não se dá de forma harmônica, devido à desigualdade entre pessoas, havendo constante tensão muitas vezes marcada por conflitos, que pode se manifestar em forma de violência.

Ainda para Santos (2000, p. 41) cabe à sociedade se conscientizar de que, violência não é ação e sim que é uma reação das pessoas contra as questões sociais, oriundas de diversos contextos, sendo o religioso um deles. Ninguém é obrigado a concordar com idéias ou estilos de vida de outrem, porém assim como eu quero ser respeitado em minhas escolhas devo também respeitar os outros não sendo irônico, ouvindo mais do que falando e aprendendo mais do que ensinando. Porque mais importante do que ter “razão” em tudo é ter paz com todos (Rm 12, 18).

Para essa intolerância Cardoso (2003, p. 128-129, apud Oliveira 2007) chama a atenção ao destacar que, no campo da identidade, seu conceito como algo homogêneo, concebido em termos de valor universal, negando a pluralidade humana, banuiu o diferente, o não-idêntico ao lugar do submisso, do anormal ou inexistente. E ainda acrescenta:

A tolerância à diversidade de posições religiosas não chegou a ultrapassar rigorosamente os limites da identidade do próprio cristianismo como a única religião verdadeira. A tolerância religiosa fundamental referia-se à convivência entre cristãos papistas e cristãos reformados.

Também ensina Cardoso (2003, p. 131-132, apud Oliveira 2007) que:

Os sentidos de tolerância na modernidade, predominantes nos dicionários das línguas latinas, revelam a ideologia da cultura européia em seu projeto de universalidade e homogeneidade pela dominação das outras culturas. No século XVI, o vocábulo latino *tollerantia* significa constância em suportar, permitir, condescender. Nessa acepção, a tolerância supõe uma relação humana entre desiguais, em que o superior faz concessões ao inferior. Assim, o verbo 'tolerar' aparece freqüentemente como sinônimo de 'suportar' ou 'aceitar' com indulgência. Nesses dois sentidos básicos estão presentes a postura discriminatória e superior dos conquistadores em relação aos povos indígenas da América Latina.

Continua Cardoso (2003, p. 134) mencionando que tratados como parte da natureza que precisava ser controlada, desbravada e explorada, nativos e negros foram eliminados ou escravizados pelos colonizadores como forças selvagens indomáveis, ora tolerados como animais domésticos. Após mais de quinhentos anos do processo de colonização européia na América Latina, esse sentido de tolerância que ajudou a estruturar e incitar a própria intolerância e que não admite o que está fora do paradigma ainda persiste.

Para Silva (2004, p. 1-2, apud Oliveira 2007) a intolerância mais horrenda é aquela que é cometida tirando a responsabilidade da escolha humana e ainda colocada como originária em Deus, ele diz:

De algo sempre haveremos de morrer, mas já se perdeu a conta dos seres humanos mortos das piores maneiras que seres humanos foram capazes de inventar. Uma delas, a mais criminosa, a mais absurda, a que mais ofende a simples razão, é aquela que, desde o princípio dos tempos e das civilizações, tem mandado matarem nome de Deus.

Sobre isso Burity (1997, p. 14) coloca que entender o pluralismo como uma mera coexistência de diversos é algo diferente de projetá-la, já que pluralidade não implica em tolerância, ao contrário, o ambiente plural pode produzir muita intolerância, na medida em que favorecem as manifestações de desrespeito a opiniões, gostos, valores opostos, porque um grupo sente-se ameaçado pelo outro.

Burity (1997, p. 38) defende uma concepção que, sem negar o potencial conflitivo existente nas relações aponta para uma compreensão de que a tolerância é sim possível, quando não nos encerramos em nossas verdades, fechando-nos conseqüentemente para os demais.

Continua dizendo Burity (1997, p. 97) que a tolerância, não implica em neutralidade absoluta em relação ao modo de ser desse diferente, o que garante em sua prática espaço para o conflito e a divergência, implica, entretanto, em não se escandalizar e não negar o direito à existência desse outro, não-igual a nós.

Diz Ricouer (2000, p. 22) que esta questão tem a ver com os limites da tolerância nas sociedades contemporâneas, tendo em vista que neste momento a ideia de tolerância passa uma linha crítica com a crise da ideia de verdade, na medida em que a antipatia pelas convicções que não partilhamos deve ser equilibrada com a perspectiva de que “a verdade” possa estar em outras tradições que não aquela em que fomos educados.

Silva ainda complementa (2004, p. 8, apud Oliveira 2007) dizendo que:

À intolerância religiosa soma-se a intolerância política, cultural, étnica e sexual. A inquisição está presente no cotidiano dos indivíduos: no âmbito do espaço doméstico, nos locais do trabalho, nos espaços públicos e privados. Ela assume formas sutis de violência simbólica e manifestações extremadas de ódio, envolvendo todas as esferas das relações humanas. A intolerância é, portanto, uma das formas de opressão de indivíduos em geral fragilizados por sua condição econômica, cultural, étnica, sexual e até mesmo por fatores etários. Muitas vezes nos surpreendemos ao descobrir a nossa própria intolerância. A construção de uma sociedade fundada em valores que fortaleçam a tolerância mútua exige o estudo das formas de intolerância e das suas manifestações concretas, aliado à denúncia e combate a todos os tipos de intolerância.

Finalizando este capítulo acompanhamos que corremos perigo em nossas pressuposições e julgamentos. Em algum momento, mesmo não planejando a intolerância ou agressão simbólica poderemos cometê-las. O interessante e belo da vida é que existe o perdão e recomeço. Não somos perfeitos, mas a cada dia, a cada leitura, a cada observação e diálogo podemos crescer. Podemos entender melhor a forma de pensar e agir diferente da nossa, aceitá-las e não simplesmente tolerá-las, mas conviver com respeito às diferenças e aos diferentes. Para isso ocorrer precisamos estar abertos e dispostos a ouvir e admitir que nossas concepções não são imutáveis e já completas.

Caso contrário iremos à progressão de antipatia-intolerância-agressão simbólica-agressão física. Talvez alguém pense: eu nunca chegarei a esse ponto! Mas, as pesquisas mostram que é possível e as notícias que acompanhamos confirmam esta realidade em várias áreas da vida. Quanto ao âmbito religioso, violências já ocorreram, ocorrem e infelizmente, e sem ser necessário ser um profeta, mas olhando ao redor, pode-se dizer: ainda ocorrerão. Que tal se não incitarmos ou começarmos tal provocação? Que tal conseguirmos ainda salvar pessoas que analisam equivocadamente suas posições rejeitando outros e suas ideias?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quarto evangelho foi escrito num período tenso e difícil entre o final do primeiro século e o início do segundo século. O passado, os fatos e as palavras de Jesus, de meio século antes, estão ali relacionados com a intenção de ser fiel a elas, mas também de torná-las significativas para resolver os problemas da situação em que vivia a comunidade joanina. Estão entrelaçados níveis temporais na narrativa. Os fariseus, protagonistas das discussões com Jesus antes da Paixão, refletem as posições judaicas da década de 90, em sua controvérsia com a comunidade joanina sobre a identidade de Jesus. Por outro lado, os sumos-sacerdotes prefeririam as autoridades judaicas de Jerusalém que intervieram antes de Pilatos para obter a condenação de Jesus a morte.

E “o mundo”? Os problemas da comunidade não acabaram com a separação da Sinagoga. Tensões mais dolorosas surgiram entre os membros da mesma comunidade sobre a verdadeira condição carnal do filho de Deus, em relação ao Espírito Santo, à moralidade, à escatologia e a natureza da igreja. Esses impasses foram abordados pelo evangelho de João. Agora o “inimigo” da Comunidade Joanina não era mais “os judeus”, mas sim “o mundo”. E esse “mundo” abrange todos os que perseguiram e faziam violência a nascente comunidade cristã, inclui certos grupos de judeus legalistas, autoridades do império romano e, inclusive, cristãos que quebraram os laços com a comunidade que outrora faziam parte.

Assim em uma época anterior “os judeus” (grupo de fariseus, sumos-sacerdotes, alguns guardas do Templo, e por vezes escribas) opuseram-se e combateram a messianidade de Jesus, especialmente na compreensão aberta e relativizadora do Templo, da *Toráh*, do sábado, da circuncisão, sustentada pelas comunidades joaninas. Posteriormente “o mundo” (cristãos de outras orientações, judeus perseguidores, o Império Romano, os Gentios, Sistemas de Injustiça e até o ambiente Incrédulo do período) se opôs às práticas e concepções elaboradas e adotadas pelas comunidades joaninas em sua forma de seguir e viver o evangelho de Jesus. Essas foram as lutas das comunidades joaninas. As controvérsias nunca se concentraram na culpa de “todos” os judeus na morte de Jesus. Então, não é justo generalizar responsabilidades

identificando o grupo inteiro com alguns membros desse grupo. Tal procedimento é injustificável diante do que os textos dizem e também diante do que entendemos que foi pregado por Jesus, nosso mestre.

É bom aclarar que houveram paralelos às perseguições sofridas pelo Mestre Nazareno e os seus seguidores décadas depois. Já que o evangelho Joanino foi finalizado no início do século II muitos dos textos acrescentados foram retratos da vida difícil da comunidade. Quando os textos ( João 5,18; 7,1; 7,11-13; 10,31; 11,8) citam ameaças a Jesus, na verdade os escritores posteriores estão dizendo das suas próprias realidades.

Existiram nos tempos bíblicos conflitos inegáveis entre patrícios com opiniões religiosas diferentes. Ocorreram perseguições, agressões e até assassinatos. Porém, a iniciativa de revidar não se encontra nos evangelhos, embora já nos primórdios da caminhada cristã, algumas comunidades de seguidores de Jesus, como dos adversários de Paulo, ou das comunidades que estão por trás de evangelhos como o de Mateus, têm grande dificuldade de aceitar a quem não é judeu, e já se acusavam, faziam violência e excluíaam por causa disso (Gl 2,3-5; 5,1-10; Mt 10,5-6; 15,24; 18,17). Jesus sempre ensinou e difundiu a paz. Até foi ao extremo da bondade pedindo que orássemos pelos nossos inimigos (Mateus 5,44)<sup>1</sup>.

Logo, os evangelhos não disfarçam realidades, as mostram sem retirar detalhes negativos. A leitura dos evangelhos, no entanto, que exige o discernimento e a constante busca de aumentar a fidelidade ao que de fato Jesus quis e ao que Ele aponta como caminhos a seguir. E mesmo hoje, às vezes, por sensibilidade às novas concepções de Direitos Humanos, numa pluralidade de vidas desconhecidas nos tempos bíblicos, somos desafiados até mesmo, por fidelidade a Jesus, a superar e contrariar determinadas letras da Bíblia, para valorizar mais a vida que a letra. Paulo escreveu: “A letra mata. Mas o Espírito dá a Vida” (2 Cor 3,6), e o Jesus de João afirma: “Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância” (Jo 10,10). Com a comunidade joanina devemos aprender a colocar a vida e o amor acima das doutrinas e leis.

---

<sup>1</sup> “Eu, porém vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.” – Bíblia João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada.

Em resumo: nem todo o judeu daquela época foi contra o movimento dos seguidores de Jesus. Dentre os judeus religiosos que se mantiveram na tradição familiar ou nacional, a maioria por não ter cargos na elite social eram indiferentes a novos grupos que surgissem, portanto, não diziam ou faziam nada que gerasse contendas. Já os judeus com proximidade e vantagens perante o governo imperial não suportavam ameaças de perdas de posições ou prestígio, fazendo de tudo para manterem seu status. Até se preciso apoiando ou encomendando assassinatos. Essa foi uma fração minoritária. Foram leituras equivocadas e generalizantes que levaram a pensamentos e atitudes violentas contra os judeus em vários momentos e situações de nossa história. Assim também não podemos pensar hoje que todos os judeus concordam com as violências e os massacres que certas autoridades e certos grupos judeus fazem contra palestinos atualmente.

Também “o mundo” com o conceito pejorativo no QE não quer que nos afastemos do chamado campo profano ou das questões políticas, que para muitos é o que significa “o mundo”. Pelo contrário, a comunidade Joanina não se afastou para o deserto, não fugiu da sociedade, mas buscou implantar em sua vida, na vida de sua comunidade, como um exemplo para toda a sociedade uma comunidade de amor, serviço mútuo e solidariedade. Uma verdadeira comunidade de irmãos e irmãs, uma comunidade de iguais, onde não há superiores e inferiores, onde não há servidos e servidores, mas uma comunidade fundada no grande e sempre novo mandamento do amor: “Amem-se uns aos outros. Assim como eu ameí vocês, que vocês se amem uns aos outros. Se vocês tiverem amor uns aos outros todos vão reconhecer que vocês são meus discípulos” (Jo 13,34-35). A comunidade joanina tentou viver a radicalidade desse amor, mesmo quando ele afrontava valores do judaísmo tradicional ou do império escravista e concentrador de riquezas e poder. O que teve para eles muitas vezes um preço alto.

Também não nos dá licença hoje de generalizarmos e nomearmos assim todos que não tem religião, ou não frequentam uma igreja ou não concordam com nossas ideologias. A Bíblia fala de religião e seus contextos, mas obviamente ela fala de mais coisas. Sua prioridade é tornar a vida humana mais digna em paralelo com os conceitos amplificados do céu.

Logo, ao colocarmos ou classificarmos os que pensam diferente de nós como menores ou piores, nos inclui no conceito negativo de “o mundo”, que para a comunidade joanina, inclui todos que são contra sua forma de compreender e seguir o evangelho de Jesus. Assim, se continuarmos agora querendo ser diferentes baseando-nos em compreensões preconceituosas, nos tornamos iguais aos piores do passado.

Em nossa realidade devido às colonizações, por exemplo, em nosso país há regiões de predominância alemã, italiana, africana, portuguesa, japonesa e outras raças que deveriam conviver em harmonia, pois ocupamos o mesmo solo. No entanto, o que se vê é intolerância muitas vezes e conflitos somente por causa das origens. Na esfera religiosa, como todos acham que a sua igreja ou fé é a melhor, muitos não admitem ser contrariados e são capazes de agressões em “nome de Deus”. Mas nenhum Deus conhecido ou guru incentivou tal prática. Isso vem do íntimo prepotente individual. Do orgulho ferido que deseja permanecer sem ouvir o outro. Nos partidarismos políticos onde perdas e ganhos financeiros e passionais estão presentes mais ainda acompanhamos conflitos severos. Isso gera um efeito cascata na sociedade.

Qual seria o meio termo ou a solução? Talvez não haja apenas uma, mas várias ações individuais e conjuntas para minimizar discórdias. Para os conflitos raciais ou regionais temos os “direitos humanos”. Porém, o direito dos outros são os mesmos que eu tenho. Quando ocorre algo que me desafia ou enerva quero o “direito” para mim primeiramente. Deixemos os administradores dos direitos realizarem seu papel. No campo religioso, o plano de uma igreja ou comunidade verdadeira é formar crentes melhores em todos os aspectos da vida. Então, não se pode cair em contradição. Mais paciência, amor e compaixão seriam bons modelos para serem seguidos. Quanto às leis civis espera-se que pessoas pensantes valorizem e sigam tais leis desde as coisas simples até as complexas sem desculpa de que porque o alto escalão corrompeu-se eu posso sonegar, inventar, mentir ou trapacear.

O que dizer ou esperar de alunos, professores, diretores e mestres? A classe mais analítica que nos rodeia. Os exemplos mais nobres, as condutas mais dignas de nota, os pensamentos mais puros ou norteadores não deveriam

vir de tal grupo de pessoas? A esperança da virada talvez venha daqui. Quando um aluno dialoga com outro de aspecto físico diferenciado por usar tatuagens, barba ou cabelo comprido está plantando a semente do entendimento e igualdade.

Quando um professor não ironiza e usa suas prerrogativas hierárquicas para menosprezar um discente que acredita na teoria da criação ao invés da teoria da evolução, ele está ali regando a planta da amizade e tolerância. Quando um administrador educacional percebe carências financeiras de outrem e dispõe-se a sair do pedestal diplomado e servir... Dar uma carona, doar roupas, ouvir. Ele estará com certeza no futuro colhendo um amigo ou no mínimo um admirador, que se for necessário irá defendê-lo de coisas e pessoas que por algum motivo torpe queiram difamá-lo.

Estamos muito distantes de tais parcerias? Começemos por nós. Se um dia alguém lhe contrariar ou discordar de sua maneira de pensar, ao invés de lhe desejar o mal ou agir de maneira agressiva, que tal sorrir e pensar na hipótese sugerida pelo outro lado? Penso que Jesus faria isso se estivesse em nosso lugar. Talvez assim, com tais procedimentos ainda justifiquemos a oração de entrega de Jesus por seus discípulos de todos os tempos: “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal” (João 17,15).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIAZZI, Alberto. **Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?** 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

ARENS, Eduardo. **Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 1997.

ASHTON, John. **The Identity and Function of The 'Iouδαῖοι in the Fourth Gospel.** Novum Testamentum, Vol. 27, Fasc. 1, p. 40-75, Jan., 1985.

\_\_\_\_\_. **Comprendere il quarto evangelio.**Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000.

BARCLAY, William. **Comentário do Novo Testamento.** Glasgow: Trinity College, 1955.

BAUM, Gregory. **Los Judios y el Evangelio.**Madri: Editorial Aguilar, 1965.

BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João.** São Paulo: Loyola, 2015.

BIBLE WORKS VERSÃO 1995.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Paulus, 2002.

**BÍBLIA JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA.** Barueri, SP: SBB, 2ª ed., 1993.

BIBLIOWICZ, Abel Mordechai. **Jewish-Christian Relations (The First Centuries).** Columbus, OH: Biblio Publishing,2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Trad. Maria Helena Kunhner. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRODIE, Thomas L. **The question for the origin of John's Gospel.**NY: Oxford University Press, 1993.

BROWN, R. E. **O Evangelho de João e suas Epístolas.** São Paulo: Paulinas, 1975.

\_\_\_\_\_. **A comunidade do discípulo amado.** São Paulo: Paulus, 1ª ed., 1999.

\_\_\_\_\_. **El Evangelio Según Juan.** Madrid: Ed. Cristiandad, 1999, V.1.

BRUCE, Frederick Fyvie. **João: Introdução e Comentário.** São Paulo: Vida Nova, 1987.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia del Nuevo testamento.** Trad. Víctor A. Martinez de Lopera. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1981.

BURITY, Joanildo A. **Identidade e política no campo religioso.** Recife: Editora Universitária, 1997.

CALVINO, João. **Efésios.** São Paulo: Parakletos, 1998.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **Tolerância e seus limites: um olhar latinoamericano sobre diversidade e desigualdade.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CARSON, D. A. **O Comentário de João.** São Paulo: Sheed, 2007.

CLARK, Stuart. **Pensando com demônios: a idéia de bruxaria no princípio da Europa moderna.** São Paulo: EDUSP, 2006.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2000.

COSTA, Márcia Rosa. **Linhas teóricas e metodológicas na área da violência. A representação da violência em crianças escolarizadas de periferia urbana.** In: ARRIETA, Gricelda Azevedo et al (Org). *A violência na escola: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola.* Canoas: ULBRA, 2000.

COTHENET, Edouard. **Os escritos de São João e a epístola aos hebreus.** São Paulo: Paulinas, 1988.

DIETRICH, Luiz José. "Em Espírito e Verdade" – Descolonizar a Bíblia e o Cristianismo. In: **Revista Estudos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, número 106-2010/2, p.11-21.

FERRANDO, Miguel Angel. **Los Judíos em El Evangelio según Juan**. Teologia y Vida. Vol. XL, ano 1999. Santiago, PUC-Chile.

FREYNE, Sean. **A Galiléia, Jesus e os Evangelhos**. São Paulo: Loyola, 1996.

GUZIK, David. **Gospel of John: Verse by Verse Commentary**. EUA, CA: Enduring Word, 2016.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João: Amor e fidelidade**. São Paulo: Loyola, 2005.

KOSTENBERGER, Andreas J. **John** (Baker Exegetical Commentary on the New Testament). NY: BP Group, 2004.

KOSTER, Helmut. **Introducción al Nuevo Testamento: Historia, cultura y religión de la época helenística e historia y literatura del cristianismo primitivo**. Espanha, Salamanca: Sigueme, 1988.

LIBÂNIO, João Batista. **Teologia da libertação: roteiro didático para um estudo**. São Paulo: Loyola, 1987.

LOWN, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**. Barueri, SP: SBB, 2013.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **Vocabulário Teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulus, 1989.

MESTERS, Frei Carlos; OROFINO, Francisco. **As etapas da História dos anos 30 a 70**. RIBLA - Revista de Interpretação Bíblica Latino americana. Número 22, ano 1996. Petrópolis, Vozes.

MONTEIRO, Marcos. **Um jumentinho na avenida: a missão da Igreja e as cidades**. Viçosa: Ultimato, 2007.

MONTERO, Paula. **Magia, racionalidade e sujeitos políticos**. 1994.

Disponível em:

<http://www.anpocs.org.br/portal/publicações/rbcs0026/rbcs2606.htm>.

MURAD, Maurício. **Da violência e de seus contextos**: notas preliminares em teoria e história. In: LEMOS, Maria Teresa Toiríbio. (Org). *Religião, violência e exclusão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 27<sup>a</sup> ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

NICHOL, Francis D. **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013, V.5.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. **Preconceito, Estigma e Intolerância Religiosa**: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais - Estudos de Sociologia, Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 13, n. I, p. 239-264, 2007.

OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho G. S. S. de. **A prática da violência no campo religioso brasileiro** - PERETTI, Clélia (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: Champagnat, 2011.

PAGELS, Elaine. **As Origens de Satanás**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

PAGOLA, José Antônio. **Jesus** – Aproximação Histórica. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Caminho aberto por Jesus** – João. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

PARKER, Cristian. **Religião popular e modernização capitalista**: outra lógica na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1996.

RICHARD, Pablo. **Chaves para uma releitura histórica e libertadora:** Quarto evangelho e cartas. RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino americana. Petrópolis, Número 17, ano 1994.

RICOEUR, Paul. **Etapas atuais do pensamento sobre a intolerância.** In: BARRET-DUCROCQ (dir.) A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SANCHIS, Pierre. **Fiéis & cidadãos:** percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. **Importância das peregrinações para o turismo mundial.** Revista Turismo em Análise. São Paulo. v. 11, n. 2, p. 38-44. Nov. 2000.

SHERIDAN, Ruth. **Issues in the Translation of οἱ Ἰουδαῖοι in the Fourth Gospel.** Journal of Biblical Literature, Vol. 132, N° 3; p. 671-695, 2013.

SILVA, Antônio O. da. 2004. **Reflexões sobre a intolerância.** Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br>.

SILVA, Gilvan Ventura da. **As relações de sociabilidade entre judeus e cristãos em Antioquia.** Liber Intellectus, V. 2, n° 2, p. 1-15, dezembro de 2007.

\_\_\_\_\_. **As relações entre o judaísmo e o cristianismo no Império Romano:** uma nova interpretação a partir do paradigma culturalista. História da Historiografia, n° 5, pgs. 58-70, setembro de 2010.

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. **O Novo Testamento em seu ambiente social.** São Paulo: Paulus, 2008.

TEIXEIRA, Faustino. **Diálogo inter-religioso:** o desafio da acolhida da diferença. In: BINGEMER, M. C.; ANDRADE, Paulo Fernando C. (Org). O mistério e a história: ensaios de teologia em homenagem ao Pe. Félix Pastor por ocasião dos seus 70 anos. São Paulo: Loyola, 2003.

TREVIJANO, Ramón. A. **La Biblia en el cristianismo antiguo: Prenicosos, Gnósticos, Apócrifos.** Espanha, Estella: Verbo Divino, 2001.

TUÑI, Josep Oriol; ALEGRE, Xavier. **Escritos joaninos e cartas católicas.** São Paulo: Ave Maria, V. 8, 1999.

VIDAL, Sénen. **Los escritos originales de la comunidad Del discípulo “amigo” de Jesus.** Salamanca: Ediciones Sígueme, 1997.

WAHLDE, Urban C. Von. **The Terms for Religious Authorities in the Fourth Gospel: A Key to Literary-Strata?** Journal of Biblical Literature, Vol. 98, N° 2; p. 231-253, 1979.

WENGST, Klaus. **Interpretación del Evangelio de Juan.** Salamanca: Sígueme, 1988.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo – Novo Testamento.** Santo André, SP: Geográfica, Vol. 1, 2006.